Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional



www.dn.pt / Quarta-feira 22.5.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 643 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

ALTA VELOCIDADE

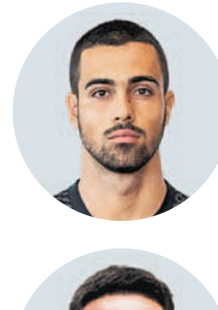
"O IMPORTANTE É QUE O EIXO LISBOA-MADRID NÃO EXCLUA O LISBOA-PORTO-VIGO"

O embaixador de Espanha em Portugal, Juan Fernández Trigo, explicou ao DN como o Governo de Madrid viu os anúncios sobre a ligação ferroviária.

PÁG. 16

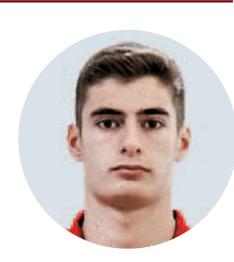
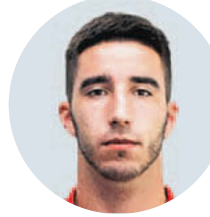
COMBOIOS CP TEM 578 MILHÕES PARA COMPRAR 16 TGV

PÁG. 17





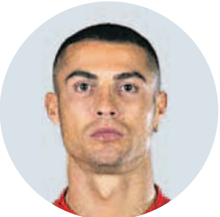


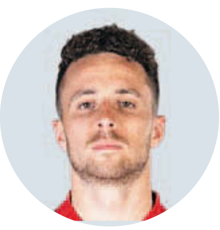












AS ESCOLHAS DE MARTÍNEZ PARA O EURO2024

Portugal é a 4.ª seleção favorita nas casas de apostas e a 3.ª mais valiosa

PÁGS. 4-6

IMPOSTOS Governo apresenta novo IRS. Chega pede calma para tentar um consenso

PÁG. 8

EDUCAÇÃO Professores recuperam carreira com acordo "histórico"

PÁG. 12



Até ver...

Leonardo Ralha
Grande repórter do Diário de Notícias

Indo nós, indo nós, a caminho de Taiwan

Escrever que houve muita agitação na Assembleia da República ao longo da semana passada é uma ode ao eufemismo. Houve falta de respeito, desorientação, descontrolo e uma sucessão de atos e palavras que não dignificaram a democracia portuguesa, que tanto custou a conquistar antes do 25 de Abril de 1974, a garantir até ao 25 de Novembro de 1975 e a consolidar em todos os dias do calendário.

No final das sessões viram-se muitos deputados de rosto carregado, mesmo sem reconhecerem as suas próprias responsabilidades no processo de desvario em curso. E que tantos dedos se tenham esticado, numa competição para ver quem seria o acusador mais veemente, apontados para quem mais luta para defender a Assembleia da República só junta ignomínia aos danos provocados por quase todos.

José Pedro Aguiar-Branco terminou a semana a dizer algo simples, claro e livre: não lhe cabe, como presidente da Assembleia da República, censurar o discurso dos representantes eleitos do povo, os quais podem e devem responder pelos eventuais crimes que o Ministério Público, por iniciativa própria ou denúncia alheia, encontrem nas suas palavras. As tais que, para alguns deputados, são tão potencialmente letais que necessitam de ser silenciadas.

Com a mesma paciência que demonstrou no intricado processo de eleição para a presidência da Assembleia da República, Aguiar-Branco explicou a sua leitura do *Regimento*, voltou a disponibilizar-se para contribuir para a sua reformulação e realçou que não faria outra coisa se retirasse a palavra a deputados que dizem o que não lhe agrada. Assim acontece quando as bancadas mais à esquerda se referem ao "genocídio" alegadamente perpetrado por Israel na Faixa de Gaza, o que constitui um anátema sobre um país bem mais grave do que as considerações, insensatas e gratuitas, de André Ventura acerca da capacidade de trabalho do povo turco – ao qual também não faz sentido assacar responsabilidade coletiva pelo genocídio dos arménios, bem documentado e cometido décadas antes de os nazis construírem campos de extermínio como Auschwitz.

Tendo direito a defender-se de ataques sem sentido, Aguiar-Branco deverá focar-se no verdadeiro problema do debate parlamentar. Além de todas as complexidades decorrentes de uma governação minoritária e da profusão de partidos representados, o hemiciclo tornou-se uma arena de ovações sonoras dos maiores grupos parlamentares aos seus próprios oradores e de constantes apartes e pateadas aos outros, gerando um burburinho que irmana bons e maus discursos na inaudibilidade, pautados por gestos inapropriados, indignos e até ameaçadores.

> **"O hemiciclo tornou-se uma arena de ovações sonoras dos maiores grupos parlamentares aos seus próprios oradores e constantes apartes e pateadas aos outros, gerando um burburinho que irmana bons e maus discursos na inaudibilidade, pautados pelos gestos."**

É fácil e tentador culpar André Ventura e o Chega, que tem especialistas na perturbação dos trabalhos, mas quase ninguém sai impoluto na deriva esbracejante e decibélica (com ênfase no "bélica", mais do que nos decibéis) que pode geminar São Bento com Taiwan, a ilha que, além da constante ameaça de invasão, não raras vezes testemunha confrontos físicos no seu Parlamento.

Para que não se dê o passo em frente, espera-se que, mais do que marcar pontos com manifestações de virtude ou vídeos virais, todos reconheçam que o caminho que estão a trilhar para o precipício, tendo em conta a elevada apetência de muitos deputados para ofenderem os pares, e o potencial de alguns deles para gestos irrefletidos, terá consequências irreversíveis.

OS NÚMEROS DO DIA

6182

MUNIÇÕES
A apreensão feita pela PSP nos últimos dias numa operação em vários pontos do país para fiscalizar o funcionamento e segurança dos complexos, carreiras e campos de tiro para a prática recreativa. Foram também apreendidas duas armas de fogo.

3

CONCERTOS
Número de espetáculos que o cantor brasileiro Roberto Carlos vai dar este ano em Portugal. O criador de *As Baleias* atua a 19 de setembro em Ponta Delgada, e, em outubro, dia 4 em Lisboa e no dia 6 em Braga. O músico, atualmente com 83 anos, estreou-se em Portugal em 1966.

7,8

POR CENTO
A subida do número de desempregados em abril (318 331) comparando com o mês homólogo do ano passado. Em relação ao mês de março deste ano, caiu 1,9%.

14

MIL
O número de pessoas que tiveram de abandonar as suas casas na região de Kharkiv, na Ucrânia, nos últimos dias, depois de Moscovo ter lançado uma nova ofensiva em 10 de maio, anunciou a OMS, avançado com os dados que lhe foram fornecidos pelas autoridades locais.





22.5.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **NotíciasMagazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

EURO2024

Pepe e um "espalha-brasas excecional" que passou à frente dos leões campeões entre os 26 de Portugal

SELEÇÃO Roberto Martínez explicou as suas escolhas e espera que sejam as de todos os portugueses a partir de agora. Toti Gomes, Pote, Trincão e Horta entre os azarados sem lugar numa lista onde cabe Pedro Neto.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Roberto Martínez chamou Pepe (41 anos) e o "espalha brasas excecional" Francisco Conceição para representar Portugal no Euro2024, que arranca no dia 14 na Alemanha. Uma prova onde Cristiano Ronaldo vai fazer história com uma inédita sexta presença, enquanto Pedro Neto, a grande surpresa na lista de 26, é um dos quatro eleitos que se pode estrear em fases finais com a seleção.

Conceição, o jogador de 21 anos do FC Porto, tem apenas uma internacionalização (em março com a Eslovénia) e é uma das surpresas da convocatória. "O Francisco Conceição fez uma boa época desde janeiro. Tem uma boa personalidade para mudar o jogo. É um espalha-brasas a nível excecional. É um jogador diferente", justificou Martínez após divulgar a lista na Cidade do Futebol.

A lista é alargada (26 em vez dos habituais 23) e, ainda assim, curta demais para incluir jogadores como Matheus Nunes, Toti Gomes, Francisco Trincão, Pote e Ricardo Horta, que marcou dois golos em três jogos no apuramento perfeito da seleção e foi o jogador que mais custou deixar de fora, segundo confessou o selecionador: "Foi o único a quem liguei. Tecnicamente e taticamente é um sonho para um treinador, mas foi impossível convocá-lo."

Será a primeira fase final de uma grande competição de Pedro Neto, Francisco Conceição, João Neves e Gonçalo Inácio. E com esse dado curioso do defesa-central do Sporting, o único Campeão Português da lista, nunca ter representado Portugal em nenhum dos escalões jovens. E, se para o jovem leão de 22 anos será uma estreia absoluta, para Pepe será mais uma e certamente o adeus às grandes provas pela seleção.

"Temos um balneário muito interessante. Pepe e Ronaldo são de uma geração diferente da do Bernardo, Rúben Dias, João Neves ou António Silva. O papel do Pepe no balneário é importante e foi interessante vê-lo fazer dois jogos em março e manter a baliza a zeros durante os 90 minutos. A sua comunicação, o seu posicionamento, fazem com que, quando está apto, seja um jogador muito importante", defendeu Martínez, admitindo que Toti Gomes seria a opção caso o capitão do FC Porto não estivesse bem.

Além de Pepe, também Pedro Neto, Diogo Jota e Nuno Mendes tiveram uma época marcada por problemas físicos, mas o selecionador garante que estão todos em condições, ao contrário de Raphaël Guerreiro, que ficou de fora e deu lugar a Nélson Semedo: "Não é correr riscos. Temos uma boa mistura de experiência e pernas frescas, com miúdos. É uma lista que dará uma boa resposta."

Ronaldo? Factos falam por ele

E o que esperar de Cristiano Ronaldo no Euro2024? "É melhor falar dos dados. É um jogador de 39 anos que marca 42 golos em 41 jogos pelo clube [Al Nassr], e isso mostra uma continuidade e capacidade física além da qualidade que tem à frente da baliza que gostamos muito e precisamos", disse o selecionador, tentando não colocar a responsabilidade "toda" de um bom Europeu no capitão.

Ronaldo tornar-se-á o único jogador com seis Europeus – o primeiro foi o Euro2004 –, competição onde é recordista de jogos (25), golos (14) e vitórias (12) em fases finais. "Orgulhoso por voltar a representar Portugal no Euro. Vamos com tudo", reagiu o capitão, um dos quatro Campeões Europeus em 2016 (Patrício, Pepe e Danilo são os outros) nesta lista.

O Sporting só tem um representante (Gonçalo Inácio), o Benfica tem dois (António Silva e João Neves) e o FC Porto três (Pepe, Francisco Conceição e Diogo Costa), numa convocatória onde PSG é o clube mais representado (Gonçalo Ramos, Danilo Pereira, Vitinha e Nuno Mendes).

"Pela minha experiência, não é possível para um jogador entrar na lista de um Europeu se não fez parte da seleção nos últimos seis estágios. Temos muitos jogadores, fizemos um apuramento impecável e temos decisões difíceis que temos de tomar para ter uma equipa equilibrada. Trincão e Pedro Gonçalves tiveram uma temporada excecional no Sporting, mas tiveram azar, pois o estágio de março era importante para eles", disse, explicando assim o critério que levou à exclusão de alguns leões.

O estágio da seleção arranca no dia 2 de junho na Cidade do Futebol e a lista pode sofrer alterações até 7 de junho. Há por isso 16 pré-convocados em lista de espera, mas Martínez prefere que os seus 26 sejam os de todo o Portugal, porque não é hora de uma "rivalidade de camisolas".



> *"Trincão e Pedro Gonçalves tiveram uma temporada excecional, mas tiveram azar, pois o estágio de março era importante para eles."*
>
> **Roberto Martínez**
> Selecionador nacional

CONVOCADOS



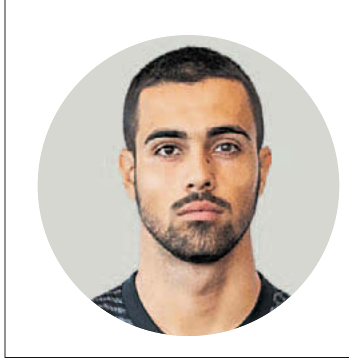
JOGOS DO GRUPO F

Dia 18 de junho
Portugal-Rep. Checa
20.00 (SIC)
Red Bull Arena (Leipzig)

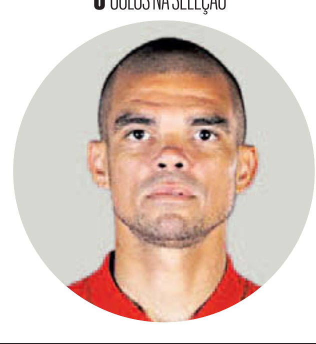
Dia 22 de junho
Portugal-Turquia
17.00 (RTP1)
Signal Iduna Park (Dortmund)

Dia 26 de junho
Portugal-Geórgia
20.00 (TVI)
Veltins-Arena (Gelsenkirchen)

DIOGO COSTA
GUARDA-REDES
24 ANOS
FC PORTO
20 INTERNACIONALIZAÇÕES



PEPE
DEFESA
41 ANOS
FC PORTO
136 INTERNACIONALIZAÇÕES
8 GOLOS NA SELEÇÃO



JOÃO NEVES
MÉDIO
19 ANOS
BENFICA
5 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



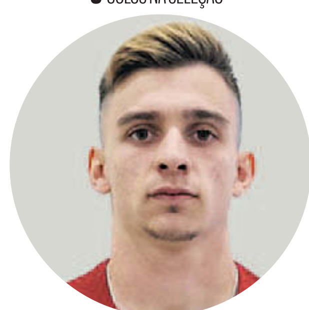
JOÃO PALHINHA
MÉDIO
28 ANOS
FULHAM
25 INTERNACIONALIZAÇÕES
2 GOLOS NA SELEÇÃO



PEDRO NETO
AVANÇADO
24 ANOS
WOLVERHAMPTON
5 INTERNACIONALIZAÇÕES
1 GOLO NA SELEÇÃO



FRANCISCO CONCEIÇÃO
AVANÇADO
21 ANOS
FC PORTO
1 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



JOSÉ SÁ
GUARDA-REDES
31 ANOS
WOLVERHAMPTON
1 INTERNACIONALIZAÇÃO



RUI PATRÍCIO
GUARDA-REDES
36 ANOS
AS ROMA
108 INTERNACIONALIZAÇÕES



JOÃO CANCELO
DEFESA
29 ANOS
BARCELONA
51 INTERNACIONALIZAÇÕES
10 GOLOS NA SELEÇÃO



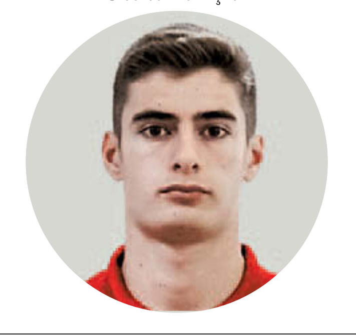
DIOGO DALOT
DEFESA
25 ANOS
MANCHESTER UNITED
17 INTERNACIONALIZAÇÕES
2 GOLOS NA SELEÇÃO



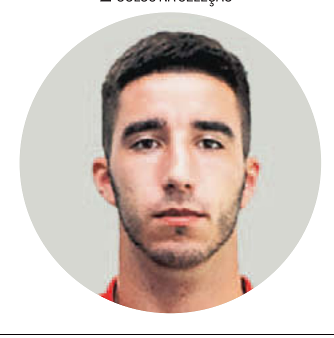
RÚBEN DIAS
DEFESA
27 ANOS
MANCHESTER CITY
54 INTERNACIONALIZAÇÕES
2 GOLOS NA SELEÇÃO



ANTÓNIO SILVA
DEFESA
20 ANOS
BENFICA
9 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



GONÇALO INÁCIO
DEFESA
22 ANOS
SPORTING
6 INTERNACIONALIZAÇÕES
2 GOLOS NA SELEÇÃO



DANILO
DEFESA
32 ANOS
PSG
71 INTERNACIONALIZAÇÕES
2 GOLOS NA SELEÇÃO



NÉLSON SEMEDO
DEFESA
30 ANOS
WOLVERHAMPTON
28 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



NUNO MENDES
DEFESA
21 ANOS
PSG
20 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



RÚBEN NEVES
MÉDIO
27 ANOS
AL HILAL
46 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



VITINHA
MÉDIO
24 ANOS
PSG
15 INTERNACIONALIZAÇÕES
0 GOLOS NA SELEÇÃO



BRUNO FERNANDES
MÉDIO
29 ANOS
MANCHESTER UNITED
64 INTERNACIONALIZAÇÕES
20 GOLOS NA SELEÇÃO



OTÁVIO
MÉDIO
29 ANOS
AL NASSR
20 INTERNACIONALIZAÇÕES
3 GOLOS NA SELEÇÃO



BERNARDO SILVA
MÉDIO
29 ANOS
MANCHESTER CITY
88 INTERNACIONALIZAÇÕES
11 GOLOS NA SELEÇÃO



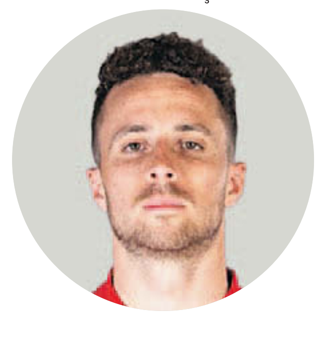
RAFAEL LEÃO
AVANÇADO
24 ANOS
AC MILAN
24 INTERNACIONALIZAÇÕES
4 GOLOS NA SELEÇÃO



JOÃO FÉLIX
AVANÇADO
24 ANOS
BARCELONA
37 INTERNACIONALIZAÇÕES
7 GOLOS NA SELEÇÃO



DIOGO JOTA
AVANÇADO
27 ANOS
LIVERPOOL
36 INTERNACIONALIZAÇÕES
12 GOLOS NA SELEÇÃO



GONÇALO RAMOS
AVANÇADO
22 ANOS
PSG
11 INTERNACIONALIZAÇÕES
8 GOLOS NA SELEÇÃO



CRISTIANO RONALDO
AVANÇADO
39 ANOS
AL NASSR
206 INTERNACIONALIZAÇÕES
128 GOLOS NA SELEÇÃO



Portugal é a 4.ª seleção favorita nas casas de apostas e a 3.ª mais valiosa

EURO2024 Inglaterra é a seleção com maior probabilidade de vencer a prova. Equipa das quinas surge ainda atrás da França e da Alemanha nas casas de apostas e está avaliada em 1,04 mil milhões.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Em abril, numa simulação feita por computador e repetida 10 mil vezes pelo criador de conteúdos e analista desportivo James Lawrence Allcott, Portugal foi considerado favorito a vencer o Euro2024, à frente de Inglaterra, Espanha, França e da anfitriã Alemanha. Mas poderá a seleção nacional aspirar a repetir o triunfo de 2016?

Num *ranking* elaborado há relativamente pouco tempo com base em casas de apostas, a prestigiada revista britânica *Four Four Two* colocou Portugal no quarto lugar das seleções favoritas a vencer o Europeu, em igualdade com a Espanha, mas atrás de Inglaterra, França e Alemanha.

Esta é também a previsão da casa de apostas desportivas *online* Betano, que opera em Portugal. Nas apostas de longo prazo, a Inglaterra surge como favorita (*odd* de 3,95 euros), seguida da França (4,60) e da Alemanha (5.50). E só depois aparecem Portugal (8.00) e Espanha (8.00) no mesmo patamar. Esta é, aliás, a tendência nas apostas desportivas, caso da bet365, uma das mais procuradas no Reino Unido, mas que não opera em Portugal.

Em termos gerais, as casas de apostas apontam que as probabilidades de Portugal vencer o Euro são de 11,1%. Há 42,1% de probabilidades de a seleção nacional chegar às meias-finais e 66,7% de vencer o Grupo F, que integra em conjunto com República Checa, Turquia e Geórgia.

No seio da seleção, ninguém esconde que pode ser possível, mas também ninguém assume abertamente o favoritismo. "Faz parte da preparação ter um sonho. Para nós, é um sonho. Todos os dias são uma oportunidade para alcançar objetivos. A seleção é partilhar a paixão das nossas vidas e pode ser tudo o que os nossos adeptos acham que a seleção pode ser. Posso prometer dedicação, compromisso, esforço, tudo o que os jogadores podem demonstrar Temos tudo para atingir o nível máximo", referiu ontem o selecionador Roberto Martínez.

Já Fernando Gomes, numa entrevista recente ao jornal O Jogo, assumiu que "o mínimo exigível é atingir as meias-finais", mas deixou escapar que "gostava era de ser Campeão Europeu."



RODRIGO ANTUNES / LUSA

Martínez fala de um sonho de toda a comitiva, mas não coloca Portugal como favorito.

Mais otimista revelou-se José Mourinho. "Para mim, Portugal, França e Inglaterra são as três seleções mais fortes. Pode haver surpresas, mas olhando para os jogadores, para a qualidade dos jogadores, para o número de jogadores, que é uma coisa importante nestas competições curtas, onde se joga praticamente de três em três dias, acho que Portugal tem de ir para ganhar", disse há dias o treinador português.

Uma opinião também partilhada por Luís Figo: "É uma das favoritas. O favoritismo tem sempre de se demonstrar dentro de campo, mas, em termos de qualidade e de valor, Portugal é, hoje em dia, uma das melhores seleções do mundo e, por isso, temos sempre de ter esse objetivo."

Seleção avaliada em 1,04 mil milhões de euros

Uma coisa parece certa: Portugal está no lote de candidatos. E não apenas pela fase de qualificação irrepreensível que realizou – no Grupo J (teve como adversários a Eslováquia, Luxemburgo, Islândia, Bósnia e Herzegovina e Liechtenstein) venceu todos os jogos, marcou 36 golos e concedeu apenas dois. Nenhuma outra seleção sequer se aproximou deste registo.

Se espreitarmos o valor de mercado dos favoritos, Portugal surge no 3.º lugar. De acordo com o portal Transfermarkt, a seleção nacional está avaliada em 1,04 mil milhões de euros. Atrás da Inglaterra, a mais valiosa (1,67 mil milhões, mas ainda com 33 jogadores), e da França (1,25 mil milhões). Mas à frente da Espanha (906 milhões) e da Alemanha (799 milhões).

> Na generalidade das casas de apostas, Portugal tem 11,1% de probabilidades de se sagrar Campeão da Europa. E 42,1% de atingir as meias-finais da competição.

Rafael Leão, do AC Milan, é o futebolista português mais valorizado (90M€), seguido de Bernardo Silva e Rúben Dias, ambos jogadores do Campeão Inglês Manchester City e com um valor de mercado de 80M€.

Inglaterra e França têm nas respetivas convocatórias os jogadores mais valiosos deste Europeu – Jude Bellingham e Kylian Mbappé, respetivamente, avaliados em 180 milhões cada. Na seleção espanhola o mais caro é Rodri (110M€, Manchester City) e na Alemanha é Jamal Musiala (110M€, Bayern Munique).

Esta será a sétima presença, de forma consecutiva, de Portugal na fase final de um Campeonato da Europa, cujo ponto máximo foi atingido em 2016, quando a equipa das quinas se sagrou Campeã da Europa ao bater a França na final, após prolongamento, com um golo de Éder.

Antes, Portugal esteve no Euro2000 (caiu nas meias-finais), Euro2004 como anfitrião (finalista vencido), Euro2008 (quartos-de-final), Euro2012 (meias-finais) e Euro2020, disputado em 2021 devido à covid-19 (oitavos-de-final).

nuno.fernandes@dn.pt

À MARGEM

Finlândia, Croácia e Rep. da Irlanda testam seleção
Antes de partir para a Alemanha, a seleção nacional vai realizar três jogos de preparação. O primeiro logo dois dias depois do início do estágio, frente à Finlândia, dia 4 de junho, no Estádio José Alvalade. Depois Portugal joga com a Croácia a 8 de junho, no Estádio Nacional, e por fim enfrenta a República da Irlanda, no dia 11 de junho, em Aveiro.

Conseguirá Ronaldo destronar o rei Platini?
Apesar de Cristiano ser o melhor marcador da história dos Europeus (14 golos), o recorde de maior número de golos numa só edição continua a pertencer ao francês Michel Platini (nove vezes, no Euro 1984). O capitão português é também o jogador com maior amplitude entre o primeiro e o último golo marcados (17 anos e 15 dias – golos contra a Grécia em 2004 e contra a França em 2020).

Yamal pode destronar Renato Sanches
Se for chamado á seleção espanhola, Lamine Yamal, fenómeno do Barcelona, vai ser o primeiro jogador a entrar em campo na maior competição europeia de futebol com apenas 16 anos. A final do Europeu é um dia depois de o jogador fazer 17 anos. O recorde de jogador mais jovem a jogar numa final pertence atualmente ao português Renato Sanches, que entrou em campo com 18 anos e 328 dias, em 2016.

Pepe pode superar Királye e ser o mais velho no Euro
O guarda-redes húngaro Gábor Király detém o recorde de jogador mais velho a ter atuado na fase final de um Europeu de futebol, com 40 anos e 86 dias, no Euro2016. Se Pepe jogar no Euro2024 vai ultrapassar esta marca, uma vez que já tem 41 anos.

Jorge Mendes, o empresário com mais jogadores
Jorge Mendes continua a ser o empresário que mais atletas reprseenta na lista de convocados de Portugal. Entre os que são agenciados por si e os que têm os direitos de imagem comercializados pela Polaris, que também é sua, o agente FIFA está ligado a 18 dos 26 eleitos de Portugal para o Euro2024.

Governo apresenta novo IRS. Chega pede calma para tentar um consenso

IMPOSTOS PSD e CDS pressionaram oposição, na esperança de viabilizarem o seu texto, que corrige a proposta do Executivo. Resposta? Há "muitas dúvidas" e é preciso calma para negociar.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O desafio a PS e Chega foi deixado pelos líderes parlamentares de PSD (Hugo Soares) e CDS-PP (Paulo Núncio). É preciso deixar os "jogos partidários" de lado para poder fazer aprovar as novas medidas do IRS. Essas táticas políticas estão a "atrasar esta decisão" e já é "tempo de clarificar" se os dois maiores partidos da oposição estão, ou não, dispostos a mexer no IRS. E, pelo que se ouviu do Chega, chegar a um terreno comum ainda será possível – algo que parece estar mais distante em relação ao PS.

Em conferência de imprensa no Parlamento, os líderes das bancadas que suportam o Governo anunciaram a apresentação de um texto de substituição em relação à proposta do Executivo, que foi diretamente para a especialidade sem ser votada no plenário. A intenção é que o texto agora apresentado dê hoje entrada na Comissão de Orçamento e Finanças e seja votado em plenário na sexta-feira.



LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

O novo texto sobre o IRS foi apresentado por Hugo Soares, líder parlamentar do PSD.

Alterações a este texto não devem acontecer, a crer naquilo que o líder parlamentar social-democrata deixou no ar. Segundo Hugo Soares, os dois partidos já foram "ao máximo que podiam ir" e acolheram propostas dos restantes grupos parlamentares. Em concreto: os valores propostos por PS e Chega para as taxas nos 3.º e 4.º escalões. Ainda nesta lógica de aproximação, sociais-democratas e centristas decidiram reduzir menos a taxa paga no 6.º escalão, indo na direção daquilo que o PS tinha proposto e reduzindo o custo total da proposta. E, depois, é ainda proposto que, já a partir do próximo ano, o IRS tenha uma atualização automática dos escalões (que PS e Chega defendiam).

Há ainda um ponto onde PSD e CDS pedem ao Governo que pondere, em sede de Orçamento do Estado: avançar com uma atualização da dedução específica. tendo por base a evolução do Indexante de Apoios Sociais. e da dedução à coleta com juros do crédito à habitação.

Ao haver esta proposta em cima da mesma, hoje será um "dia clarificador". Nas palavras de Hugo Soares: servirá para saber "que políticas de alianças se constroem no Parlamento" e quem está do lado de uma redução imediata dos escalões do IRS. Se o PS quiser aprovar a sua proposta ao lado do Chega? "Aprovará." E se os socialistas decidirem ser "responsáveis" e aprovar a proposta de PSD e CDS? "Aprovarão."

A expectativa recai também sobre qual será a votação do Chega. Em abril, aquando da discussão inicial sobre o tema, André Ventura assumia que podia votar numa proposta do PS, chumbando a do Governo, se sentisse que a proposta era "positiva". No fundo, se a proposta diminuísse os impostos, o partido admitia votar favoravelmente. Dizia o líder do Chega, nessa altura, que não havia "nada" a prender o partido e que o Governo devia "descer do pedestal" e abrir negociações com outros partidos.

Essas declarações foram ontem recuperadas por Hugo Soares, em jeito de desafio: "Se o partido Chega quiser cumprir a sua palavra dada e quiser aprovar a nossa proposta, assim fará." E se não suceder? "Aprovará a do PS, como tem acontecido, e procurará governar a partir do Parlamento" ao lado dos socialistas. Afinal, "o julgamento cabe aos portugueses".

PS ataca, Chega pede que não haja precipitações

Em reação aos desafios deixados por PSD e CDS-PP, António Mendonça Mendes disse ter "muita dificuldade" em perceber o que será votado em comissão.

Ainda assim, o ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais disse ter esperança em continuar a negociar até ao final do mês, quando acaba o prazo parlamentar para a proposta. Até porque, explicou, o alívio fiscal "não é incompatível" com a entrada em vigor a 1 de julho, "porque a tabela de retenção na fonte depende apenas de um despacho do Governo".

No entanto, apesar da vontade, a proposta apresentada ontem foi apenas da responsabilidade dos socialistas e, disse Mendonça Mendes, não houve negociações interpartidárias. Já houve cedências do PS, relembrou, mas ainda "não há um consenso".

> A nova proposta do Governo acolhe sugestões de outros partidos, numa tentativa de aproximação. Ainda assim, PS e Chega consideram que é possível ir mais longe.

Já André Ventura deixou um pedido a PSD e CDS-PP: que não se precipitem a votar os diplomas em Comissão, porque ainda é "possível chegar a um consenso".

Segundo o líder do Chega, os "contactos têm-se multiplicado" para tentar aprovar o "novo regime do IRS". Mas chegar a um consenso "depende mais do Governo" do que propriamente do Chega, asseverou.

Nas mesmas declarações, Ventura foi na mesma direção daquilo que já tinha afirmado: se a classe média for quem mais beneficia com este alívio fiscal, PSD e CDS "poderão certamente contar com o Chega". Caso assim não seja, "não contarão" com o partido e caberá ao Parlamento "voltar a corrigir" o Governo.

Disponível para encontrar soluções, André Ventura reiterou que estas não devem ser para "dar mais aos mais ricos nem para tirar a quem ganhe menos e à classe média".

Com LUSA

rui.godinho@dn.pt

CPI ao caso das gémeas empossada hoje

A tomada de posse da "Comissão Parlamentar de Inquérito [CPI] para verificação da legalidade e da conduta dos responsáveis políticos alegadamente envolvidos na prestação de cuidados de saúde a duas crianças (gémeas) tratadas com o medicamento Zolgensma", proposta pelo Chega, é um dos pontos na agenda de hoje do presidente da Assembleia da República.

Os nomes dos deputados escolhidos ainda não são conhecidos na totalidade. Mas, sabe o DN, praticamente todos os grupos parlamentares já têm os elencos definidos. À hora de fecho desta edição, só o Chega (que presidirá à comissão e terá direito a quatro deputados) não tinha os nomes alinhavados.

O PSD terá quatro deputados na CPI. O DN apurou que o partido será representado por António Rodrigues, Alberto Machado, Ana Santos e Eva Brás Pinho (estas duas últimas deputadas são estreantes e foram eleitas pela primeira vez).

O PS terá os mesmos quatro parlamentares. O coordenador será o ex-secretário de Estado da Juventude e Desporto, João Paulo Correia. A representação socialista fica completa com os nomes de Ana Abrunhosa, ex-ministra da Coesão Territorial, Jorge Botelho (que será o segundo vice-presidente da CPI) e André Rijo. Os suplentes serão Isabel Moreira e Miguel Costa Matos, líder da Juventude Socialista.

A Iniciativa Liberal escolheu como efetiva na CPI a deputada Joana Cordeiro. Já o Bloco de Esquerda estará representado por Joana Mortágua. O PCP aposta no deputado Alfredo Maia. Já o Livre faz-se representar pelo estreante Paulo Muacho. O CDS-PP escolheu João Almeida para a CPI. E o PAN estará representado pela deputada única, Inês Sousa Real.

A tomada de posse está marcada para as 14.30. **R.M.G.**



Opinião
Pedro Tadeu

Aguiar-Branco não tem razão?

É verdade que o presidente da Assembleia da República entra em contradição ao exigir, por um lado, que os deputados se tratem mutuamente com respeito, por "senhor deputado" e "senhor presidente" e nunca por "você" ou por "tu", mas, por outro lado, aceite deixar passar, sem reparo, a insinuação de André Ventura de que o povo turco é preguiçoso, uma generalização evidentemente racista.

Mas quando Aguiar Branco, apertado pelos deputados que exigiam uma reprimenda ao líder do Chega, argumenta que um deputado é livre de dizer o que lhe apetecer, independentemente da bestialidade das suas afirmações, coloca a discussão num patamar acima da ética do debate parlamentar para a nivelar por cima e a colocar neste ponto: o que é que entendemos, afinal, por liberdade de expressão?

É totalmente verdade que as falsidades, insinuações, mistificações, branqueamentos do passado, calúnias, preconceitos e discriminações com que a extrema-direita alimenta o seu crescimento político estão a ter uma eficácia eleitoral assustadora, mas o problema não está só na expressão verbal dessa estupidez, o problema está também em duas terríveis falhas da democracia, que abandalhou a educação cívica e histórica, retirando às sua populações armas culturais para se defenderem desse ataque, e não resolve os problemas económicos atrelados a um processo acelerado de globalização que criou maiores injustiças sociais, maior fosso entre ricos e pobres, promovendo um ressentimento inconsistente que o protofascismo adora.

Começar agora a proibir deputados de dizerem coisas racistas é certamente muito bem-intencionado, mas não passa de uma limpeza superficial do debate político – é o mesmo que meter lixo debaixo de um tapete: ele não desaparece e, mais tarde ao mais cedo, volta a surgir, com pior cheiro, ainda mais putrefacto.

Em prazo mais longo, a escalada do silenciamento do debate político, depois de uma medida dessas ser aplicada, acabará por ser inevitável.

Por exemplo: se podem ser proibidas no Parlamento declarações racistas ou xenófobas, porque não podem ser proibidas frases que ponham em causa a honra de um governante? Ou que acusem um país "amigo" de cometer genocídio? Ou que defenda o pagamento de indemnizações a países estrangeiros? Ou que acuse os banqueiros de explorarem a população? Ou que defendam o comunismo para Portugal?...

O leitor acha que não é possível? Bem, o impensável já está a acontecer: no tempo da epidemia covid-19 tentou-se proibir quem noticiasse possíveis problemas para a Saúde Pública com as novas vacinas. Com o início da guerra na Ucrânia, a União Europeia decidiu, em poucos dias, proibir canais de informação e de propaganda russa. Concertos de música de compositores clássicos russos foram cancelados em toda a Europa. Jornalistas que tentaram noticiar o que se passava do outro lado do campo de batalha foram perseguidos e um deles está mesmo preso sem acusação há dois anos: o espanhol, Pablo González. O ex-ministro da Economia grego Yannis Varoufakis; o cirurgião plástico britânico-palestiniano Ghassan Abu Sittah, reitor da Universidade de Glasgow, foram proibidos de dar uma conferencia em Berlim sobre a Palestina. E Julian Assange continua o seu calvário em Inglaterra por ter dado notícias relevantes.

Há uma deriva censória no poder Ocidental que atinge a esquerda e a direita e, por isso, a defesa da liberdade de expressão, mesmo quando beneficia um fascista, é prioritária.

E os racistas? A única solução é deixá-los falar (até para não haver ilusões de que eles não existem) mas, ao mesmo tempo, não parar de combatê-los – e aí Aguiar-Branco tem responsabilidades, pois podia, evidentemente, ter criticado André Ventura pelo que ele disse.

Aliás, as alianças que estão a acontecer e a legislação que está a ser redigida em alguns países, em alianças entre o "centro-direita" e a "extrema-direita", mostram como o perigo está, na verdade, na troca desse combate ao racismo pela assimilação ideológica que os chamados "moderados" estão a fazer do discurso xenófobo.

Aguiar-Branco tem razão em defender a liberdade de expressão dos deputados, mas também, por não o admoestar quando ele diz desumanidades, está a ser cúmplice de André Ventura.

Deitar fora o bebé com a água do banho. É este o perigo do debate corrente acerca dos limites da liberdade de expressão e da promoção do racismo e da xenofobia nas instituições democráticas.

Jornalista



Opinião
Jorge Costa Oliveira

Uma "solução política rápida para a questão da Ucrânia"

Em termos globais, é pouco provável que a China altere a sua postura relativamente à Rússia. Por um lado, mantém o apoio à Rússia para que esta não fique demasiado fragilizada, enquanto beneficia do fornecimento vantajoso de bens (energéticos, metais críticos, agroalimentares) e tecnologia avançada. Por outro lado, a China mantém uma boa relação com uma parte significativa dos países ocidentais que lhe permite o acesso a mercados ricos e a tecnologia avançada, enquanto evita sanções financeiras. De caminho, reforça o seu *soft power* junto de países em desenvolvimento, como potencial pacificador de conflitos internacionais.

Até recentemente, era questionável que a China tivesse interesse no fim rápido da guerra da Ucrânia. Porém, a fragilidade russa leva Putin a reiterar a disponibilidade para um acordo de paz na Ucrânia. Além disso, à medida que a dependência da Rússia perante a China se aprofundou de forma inelutável, abriu-se espaço a que outras preocupações da China sejam colocadas na equação. É a esta luz que devem ser analisadas as declarações de responsáveis chineses antes e por ocasião da recente visita a Pequim do "*lao pengyou*" (*velho amigo*) Putin.

Um mês antes da visita merece destaque um artigo publicado por Feng Yujun, professor da Universidade de Pequim, em *The Economist*, cujo título é esclarecedor: *A Rússia certamente perderá na Ucrânia*. É pouco crível que um tal artigo tenha sido publicado sem a expressa concordância do Governo chinês, sendo provável que tenha sido feito a rogo. Nas palavras do prof. Feng Yujun, "observadores perspicazes observam que a postura da China em relação à Rússia passou da postura 'sem limites' do início de 2022, antes da guerra, para os princípios tradicionais de 'não-alinhamento, não-confrontação e não-direcionamento de terceiros'." E acrescenta que "ninguém deve duvidar do desejo da China de acabar com esta guerra cruel através de negociações." Esse desejo, diz Feng, "mostra que a China e a Rússia são países muito diferentes. A Rússia procura subverter a ordem internacional e regional existente através da guerra, enquanto a China quer resolver as disputas pacificamente."

A visita de Putin a Pequim serviu para os líderes da China e da Rússia mostrarem uma frente unida e celebrar vários acordos de cooperação. Mas é sobremaneira importante atentar numa "reunião restrita" em *Zhongnanhai* (a nova Cidade Proibida, em Pequim) entre Xi e Putin "durante a qual tiveram intercâmbios aprofundados sobre questões estratégicas de interesse comum", como se escreve num comunicado da agência estatal Xinhua, colocada na página do Governo chinês. Nessa "reunião restrita" refere a Xinhua que "Xi disse que a China apoia a convocação de uma conferência internacional de paz reconhecida pela Rússia e pela Ucrânia num momento apropriado, com participação igualitária e discussão justa de todas as opções, de modo a pressionar por uma solução política rápida para a questão da Ucrânia", e que "a China está pronta para continuar a desempenhar um papel construtivo a este respeito."

O aviso constante do artigo do prof. Feng Yujun, e a exigência de "uma solução política rápida para a questão da Ucrânia" constituem uma evolução da posição chinesa que a Europa devia cavalgar para promover ativamente negociações realistas, *i.e.*, com ambas as partes.

> **"À medida que a dependência da Rússia perante a China se aprofundou de forma inelutável, abriu-se espaço a que outras preocupações da China sejam colocadas na equação."**

Consultor financeiro e *business developer*
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira


RUI OLIVEIRA / ARQUIVO GLOBAL IMAGENS

Equipa do i3S recorreu a amostras disponibilizadas pelo Banco Português de Cérebros.

Investigadora portuguesa abre portas a novas terapias no combate a demências

CIÊNCIA Márcia Liz descobriu uma forma de bloquear a ação da proteína responsável pela degeneração e morte das células nervosas do cérebro em dois dos tipos de demências mais comuns.

TEXTO **RUI FRIAS**

A formação de depósitos tóxicos de proteínas no cérebro é a fonte das principais doenças neurodegenerativas, de Alzheimer a Parkinson, passando por vários tipos de demência. Em duas dessas doenças cognitivas, a demência por corpos de Lewy e a demência associada à Doença de Parkinson, a proteína identificada como agente indesejado é a sinucleína, cuja acumulação anormal dentro dos neurónios causa degeneração e morte das células nervosas do cérebro. Agora, uma equipa do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S) da Universidade do Porto descobriu uma forma de bloquear os efeitos dessa proteína nos neurónios, abrindo caminho a novas terapias para estas doenças que afetam cada vez mais pessoas, cada vez mais cedo.

A demência por corpos de Lewy é o terceiro tipo mais comum de demência, enquanto a perda cognitiva associada à Doença de Parkinson atinge cerca de 80 por cento destes doentes. Ambas se caracterizam pela formação no cérebro desses depósitos arredondados anormais de sinucleína, também conhecidos por corpos de Lewy – assim batizados devido ao médico que os descobriu, o alemão Frietz Heirinch Lewy, no início do século XX.

A maioria das abordagens terapêuticas para estas doenças passa atualmente por "tentar evitar esses agregados de proteínas e limpá-los", mas, aponta a investigadora Márcia Liz, "isso não impede que os neurónios fiquem afetados nas suas funções".

O que a equipa do i3S fez, neste projeto, foi "estudar o que fazem estes aglomerados de sinucleína aos neurónios do hipocampo, que é a zona do cérebro que coordena as nossas memórias e aprendizagens", fatores que ficam comprometidos em quadros de demência. E nesse estudo descobriu que "a sinucleína altera o funcionamento dos neurónios através de uma estrutura que cria no neurónio e que leva à perda da sua função", refere ao DN a coordenadora da investigação.

> Equipa do i3S identificou que o mecanismo usado para alterar a função dos neurónios nestes tipos de demência é um recetor também associado à infeção por HIV.

A equipa de Márcia Liz identificou que o mecanismo que a proteína usa para alterar a função dos neurónios é um recetor identificado como CCR5, "que já tem sido associado a doenças do sistema nervoso central e também está associado como recetor na infeção por HIV". Para isso, recorreram a amostras disponibilizadas pelo Banco Português de Cérebros, que funciona no Centro Hospitalar Universitário de Santo António.

"Foi importante para validar a importância deste recetor em modelos humanos", sublinha a investigadora. "Analisámos amostras de pessoas com demência e percebemos que este recetor específico aparece aumentado nestas doenças e está envolvido na disfunção das sinapses e perda de memória", acrescenta, explicando que um recetor é uma espécie de porteiro que gere a comunicação entre o exterior e o interior da célula, "uma proteína transmembranar que permite enviar sinais para induzir uma resposta dentro da célula".

Ou seja, a sinucleína liga-se a este recetor para criar no neurónio (célula do sistema nervoso) uma estrutura que vai danificar o seu normal funcionamento.

Identificada a importância desse recetor (CCR5), a investigadora do i3S decidiu então "testar moléculas que atuassem no recetor e bloqueassem a ação da sinucleína, revertendo a disfunção das sinapses e, consequentemente, dos neurónios". E foi assim que, através de ensaios celulares em ratinhos, a equipa de Márcia Liz descobriu um péptido capaz de bloquear os efeitos nefastos da sinucleína nas células nervosas. Esse péptido – um conjunto de aminoácidos que formam um fragmento de uma proteína – "inibe a ação do recetor, é um antagonista", explica a investigadora, pelo que impede a sinucleína de usar essa porta de entrada para corromper a atividade dos neurónios.

Os resultados desta investigação foram publicados na revista *Cell Death & Disease* e abrem caminho para novas terapias para estas doenças neurológicas.

Uma empresa americana que desenvolve outros péptidos para bloquear o recetor em estudo já "confirmou o grande potencial clínico" da solução encontrada pelos cientistas do i3S. "Este péptido é muito mais potente do que a droga aprovada pela FDA para travar o HIV e tem a vantagem de entrar rapidamente no cérebro e de ser administrado oralmente", refere Márcia Liz, que espera agora financiamento para avançar com ensaios pré-clínicos em "modelos animais com demência" e que testar o potencial deste péptido também para as doenças de Alzheimer e Parkinson.

Perda gestacional: profissionais de saúde pedem mais acompanhamento

LUTO Estão a decorrer as *I Jornadas sobre a Perda Gestacional*. Evento pretende alertar para o sofrimento dos casais que perdem filhos no decorrer da gravidez. Organização pede mais apoio aos pais e que o tema deixe de ser tabu.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

A Organização Mundial de Saúde estima que, anualmente, ocorram 2,6 milhões de perdas gestacionais após as 22 semanas de gestação e 17% a 22% das gravidezes terminam em aborto espontâneo. Em Portugal, em 2022, registaram-se 305 mortes fetais, mais 14 do que em 2021. Contudo, a maior ocorrência de perda gestacional ocorre até às 12 semanas e, nesses casos, não há dados oficiais que quantifiquem a realidade no nosso país (*ver caixa*). Segundo o *site* do Serviço Nacional de Saúde (SNS), "muitas famílias sentem que o luto de um filho que morreu durante a gestação não é valorizado". "As práticas em meio hospitalar não são uniformes. Muitos profissionais de saúde consideram que devia existir um protocolo definido para cumprir nestes casos", pode ler-se.

É essa indefinição e "falhas" no acompanhamento dos casais que levou a enfermeira Rita Cruz, presidente das *I Jornadas sobre a Perda Gestacional*, a organizar o evento, que termina hoje, em Moreira da Maia.

"É um sonho há muito idealizado pelo meu contacto a nível hospitalar com os meus pacientes no Serviço de Obstetrícia. Há uma necessidade imensa de dar voz a este sofrimento. É o que tenho feito a título pessoal, dar voz a estes casais, num tema que continua a ser visto como tabu e tem muitos mitos associados. Os pais precisam de acompanhamento não só no momento da perda, mas também após a alta", avança.

Sem um protocolo de atuação para estes casos, Rita Cruz faz o máximo para acompanhar quem sofre com a perda gestacional, mas admite que "nem todas as pessoas podem encontrar um enfermeiro ou médico com essa disponibilidade".

"Ter uma consulta com um psicólogo um mês não é solução. E os casais não podem depender de A ou de B para terem o apoio de que necessitam. A ideia é que a nível hospitalar haja boas-práticas de todos os serviços para ajudar os casais. Muitos passam por vários profissionais e sentem que ninguém os compreende ou acolhe.



Segundo a OMS, 17% a 22% das gravidezes terminam em aborto espontâneo. AFP

Acontece o mesmo no pós-perda e é muito importante manter-se ligado a alguém que possa acompanhar. É preciso um protocolo de atuação. É esse caminho que tem de ser feito", defende.

Para Rita Cruz, o tabu em torno do tema também precisa de mudar e o sofrimento "deve ser valorizado, independentemente das semanas de gestação no momento da perda".

"As pessoas acham que a perda no início da gestação não é de valorizar. É avassalador lidar com a dor do outro e nós, como profissionais, estamos expostos e temos de levar sementinhas para fazermos diferente e ajudar", conclui.

O encontro procura respostas para as preocupações da presidente das *I Jornadas sobre a Perda Gestacional*, intituladas *Reconhecer, Cuidar e Ressignificar*. O objetivo passa por sensibilizar profissionais de saúde e sociedade.

Nos dois dias das *Jornadas*, que hoje terminam, estiveram presentes médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras, terapeutas, *coaches*, associações e pais que viveram perdas gestacionais. Da parte da manhã, o evento termina com o debate *Reintegrar a perda – um caminho de amor*. Até porque "é no amor que se encontra o caminho para a cura ou para amenizar a dor avassaladora da perda de um filho durante a gestação".

À tarde, dois *workshops* no programa: *Partilhar o Perder* (para profissionais de saúde) e *Entrega – não é causa é dor* (para famílias que passaram por perda gestacional).

Rita Cruz promete continuar a trabalhar para ajudar casais em sofrimento e está já a preparar as jornadas de 2025. "Já tenho ideias para as próximas e o objetivo é fazer o evento uma vez por ano", garante.

Amor para além da Lua

As responsáveis do projeto *Amor para além da Lua* vão marcar presença nas *I Jornadas sobre a Perda Gestacional*. "Procuramos colmatar um problema que encontramos no nosso país: poucas são as respostas para quem pesquisa no Google por perda gestacional ou neonatal ou temáticas relacionadas. Partilhamos informação sobre perda gestacional e neonatal e procuramos dar apoio a quem passa por esta perda. Recebemos e partilhamos testemunhos de mães que perderam os seus bebés e que, desta forma, para além de os homenagearem, podem também ser apoio para outras mamãs de colo vazio", pode ler-se no *site* do *Amor para além da Lua*.

O projeto auxilia ainda os pais na criação de uma "Caixa de Memórias", fornecendo alguns materiais para esse efeitos. "Esta iniciativa destina-se aos casais que passaram por uma perda gestacional ou neonatal para que possam recolher e guardar memórias dos seus bebés, sobretudo no hospital. Poder guardar memórias é uma forma de ajudar pais e mães a fazerem o seu luto e terem um espaço de homenagem e onde podem recordar o seu filho(a)", explica a *Amor para além da Lua* no *site*.

dnot@dn.pt

Óbitos fetais aumentaram

Os últimos dados oficiais do Instituto Nacional de Estatística, sobre os óbitos fetais, datam de 2022 e indicam comparativamente a 2021. Em 2022, registaram-se 305 óbitos fetais de mães residentes em Portugal, mais 14 do que em 2021 (291 óbitos fetais). "Este valor poderá não corresponder à totalidade dos óbitos fetais ocorridos, uma vez que a obrigatoriedade de registo estabelecida pelo Código do Registo Civil é imposta, com exceções, apenas para fetos-mortos com idade gestacional igual ou superior a 22 semanas completas", pode ler-se no documento. Em 2022, houve 193 óbitos fetais com idade gestacional igual ou superior a 28 semanas completas, o que representa um aumento de 4,9% relativamente a 2021. A menor taxa de mortalidade fetal tardia registou-se no Norte (1,3%) e a mais elevada, na Região Autónoma da Madeira (3,4%).



MARIO A. LOPES / LUSA

Pedro Barreiros, secretário-geral da FNE.

Professores recuperam carreira com acordo "histórico"

EDUCAÇÃO Seis anos, seis meses e 23 dias serão devolvidos em quatro anos, mas metade dessa recuperação acontece já até julho de 2025.

TEXTO **RUI FRIAS***

O Governo e vários dos sindicatos representativos dos professores, alcançaram ontem um acordo para a recuperação do tempo de serviço congelado durante a *troika*, sanando assim uma luta que marcou a última década na Educação, o que levou mesmo o líder da FNE, uma das principais organizações sindicais do setor, a falar em "dia histórico para os professores". Para isso, foi fundamental mais uma cedência do ministro Fernando Alexandre, que foi ao encontro das reivindicações dos representantes dos docentes, viabilizando a devolução dos seis anos, seis meses e 23 dias congelados ao longo dos próximos quatro anos civis. Mais: 50% desse tempo será mesmo recuperado no espaço de um ano, até julho de 2025.

"Chegámos a acordo. Foi demorado, mas com um bom propósito", disse o secretário-geral da FNE, Pedro Barreiros, no final da reunião no Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI). De acordo com os termos definidos entre a tutela e a federação sindical, os seis anos, seis meses e 23 dias serão contabilizados ao longo de quatro anos: 50% em 2024 e 2025 e os restantes entre 2026 e 2027.

Na realidade, "a totalidade do tempo de serviço congelado será recuperada num período de dois anos e 10 meses", sublinhou Pedro Barreiros, isto porque o processo arranca em 1 de setembro de 2024 e ficará concluído em 1 de julho de 2027.

Desta forma, o Governo acabou por se aproximar da contraproposta da FNE, que iniciou as negociações a pedir 30% em 2024, 30% em 2025, 20% em 2026 e os últimos 20% em 2027, apresentando depois uma nova proposta que previa a contabilização anual de 25% do tempo de serviço, como ficou agora estabelecido. Já a proposta mais recente do Governo, apresentada há uma semana, previa a devolução de 50% nos primeiros dois anos, mas mantinha um prazo de cinco anos, com a contabilização de 20% em 2026 e de 15% em 2027 e 2028.

Além disso, o Ministério da Educação assegurou ainda que todos os docentes afetados pelo congelamento da carreira durante o período da *troika* ficam isentos de vaga para progredir para os 5.º e 7.º escalões.

"Hoje é um dia histórico para todos os professores que finalmente viram alcançado um dos seus grandes objetivos", sublinhou Pedro Barreiros, sobre um acordo que foi depois também assinado por outras organizações sindicais, como Fenei, SIPE, Fepeci, Spliu e SNPL.

Faltava, à hora de fecho desta edição, saber se também a Fenprof assinaria o acordo, pois o sindicato liderado por Mário Nogueira insistia na devolução do tempo num prazo de três anos (em tranches de 33%).

"É um bom acordo, com cedências de parte a parte", reforçou Júlia Azevedo, do Sindicato Independente de Professores e Educadores (SIPE), que falou em representação das restantes organizações sindicais.

O Ministério manteve, no entanto, a posição de que a recuperação do tempo de serviço serviria apenas para efeitos de progressão na carreira, não estando previstos quaisquer mecanismos de compensação para os docentes que já estão no topo da carreira ou que se vão reformar entretanto, o que levou a que outros sindicatos não subscrevessem o acordo com o Governo, como o SEPLEU, ASPL e Pró-Ordem, enquanto o S.t.o.p. ficou de "auscultar" os seus associados antes de uma decisão.

"Contudo, não desistimos [dessa reivindicação] e, se foram precisos 20 anos de não-desistência para atingir os resultados que hoje atingimos, com certeza não serão necessários outros 20 para conseguirmos outras matérias", referiu Pedro Barreiros, da FNE. Ficou ainda a promessa de, "brevemente, recomeçar a negociação de outras questões", adiantou Júlia Azevedo, do SIPE. Como a revisão do diploma de mobilidade por doença ou o problema das ultrapassagens na carreira que ocorreram quando o tempo de serviço foi congelado.

Marcelo elogia acordo "pacificador"

O Presidente da República considerou que o acordo alcançado "é pacificador" e que os docentes merecem. Marcelo Rebelo de Sousa disse não estar preocupado com o início do próximo ano letivo, mas acrescentou: "É importante a resolução dessa questão, e quanto mais depressa melhor, porque depois há outras tarefas para o Governo". **Com LUSA**



Opinião
José Manuel Pedreirinho

Da habitação à construção, a semântica

Há alguns meses o anterior Governo apresentou um programa para a resolução dos problemas da carência de habitação com que estamos confrontados. Um programa que foi sendo debatido, contestado ou apoiado, e foi agora, pelo actual Governo, substituído por um novo programa em que se mantiveram algumas das medidas e, naturalmente, se alteraram outras.

Não é sobre as medidas propostas num ou noutro que me vou aqui referir, pois não é aqui, nem agora, o local para o fazer. Este é um assunto demasiadamente complexo, cheio de contradições e com implicações políticas, sociais, económicas … etc., que estão muito para além da necessidade de casas a que, geralmente, tem sido limitada a sua discussão. Um problema com que, aliás, vamos ter de conviver ainda durante bastantes anos, mas sobre o qual é urgente tomar decisões.

E a primeira necessidade para que se tomem decisões é a de definir com clareza quais os objectivos que se pretendem atingir. São justamente esses que agora mudaram, algo subtilmente, quando se deixou de falar no problema da habitação para se passar a falar na necessidade de construção.

Habitar pressupõe, como todos sabemos, toda uma série de aspectos que, desde a organização do território, aos transportes e aos mais variados equipamentos e serviços são absolutamente necessários para assegurar a qualidade de vida e a resposta às necessidades individuais e colectivas dos seres humanos.

Pelo contrário, a construção quantifica-se em metros quadrados e, geralmente, para além de umas vagas intenções, sempre incluídas em qualquer preâmbulo, pouco liga à qualidade do que é feito. Uma qualidade que não se pode limitar ao cumprimento de normas técnicas física e directamente mensuráveis, e onde se deveriam integrar preocupações envolvendo a qualidade das soluções interiores e dos arranjos urbanos que nunca ali são consideradas.

Não o fazer é apenas prolongar o problema, como aliás ele se tem vindo a prolongar e mesmo a agravar em muitos países (como nos nossos vizinhos em Espanha e França), com resultados dramáticos. Países onde, apesar dos fortes investimentos feitos há algumas décadas, em habitação dita social, são inúmeros os conjuntos urbanos hoje totalmente degradados, e a necessitar a sua urgente substituição com a consequente demolição. Espaços onde, ao contrário do que é geralmente referido, o problema não são as pessoas, mas sim a construção de guetos onde, há muito, não é possível viver.

Preocupante nesta situação é que esta não é uma alteração de semântica, é uma profunda mudança de objectivos políticos. Aparentemente eficaz no curto prazo, até pela facilidade da sua quantificação, tem sido a causa de situações não só ineficazes, como potenciadoras do agravar do que assim se pretende resolver.



Deixou de se falar no problema da habitação para se passar a falar na necessidade de construção."

Arquiteto.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.



Entre meadas
Paula Cardoso

"O anti-racismo é um acto de Amor à Humanidade"*

Adoro conversar, e procuro fazê-lo sempre de ouvidos bem despertos. Fascina-me deslindar argumentos, confrontar-me com formas de pensar, ser e estar diferentes das minhas, e até ser desafiada a reflectir sobre perspectivas que me causam discordância. A partir de conversas, já revi posicionamentos, consolidei outros, e activei múltiplas consciências.

Já aqui partilhei, por exemplo, como falar com Lia Ferreira, coordenadora da Estrutura de Missão para a Promoção das Acessibilidades, me fez substituir a expressão "mobilidade reduzida" por "mobilidade condicionada".

O racional é simples, explicava eu há cerca de um mês. Enquanto a primeira formulação me remete para uma certa menorização da pessoa, a segunda abordagem reconhece que influências externas, em concreto a forma como a sociedade está construída, limita o modo como vivemos, nomeadamente as condições de acesso aos espaços.

Creio que dificilmente teria pensado nisso se não tivesse escutado a Lia, se não estivesse disponível para reflectir para além do meu umbigo, exercício que por vezes vem acompanhado de um profundo desconforto. Chamo-lhe dores de crescimento. Poderia fugir delas, refugiando-me no mundo que conheço e resignando-me com as desigualdades que o fragilizam, mas entendo que isso seria fugir de mim, da minha própria humanidade.

Compreender que posso ser melhor a cada dia, inspira-me a tentar sê-lo, e faz-me acreditar que todas as pessoas o podem ser também, desde que tenham essa vontade e compromisso.

Por isso, subvertendo o título de um livro que recomendo, da escritora e jornalista britânica Reni Eddo-Lodge, faço questão de não deixar de falar com pessoas brancas sobre raça.

Não o faço investida de pretensões evangelizadoras, nem acometida de uma qualquer orientação masoquista, mas por ter comprovado – e continuar a comprovar – o poder das palavras. Mobiliza-me, compromete-me e responsabiliza-me observar como uma partilha de experiência, ponto de vista, ou perspectiva de vida consegue provocar mudança.

Na minha história, a leitura sempre foi via de transformação, por isso exultei com a ideia – em tempos partilhada pelo escritor José Eduardo Agualusa – de prescrição de programas de reeducação literária a pessoas de pensamento trancado. Não confundir com pessoas que simplesmente discordam do que defendemos. Falo daquelas que, pela argumentação que utilizam, evidenciam o quanto vivem alienadas da realidade, fechadas sobre si próprias, e presas a narrativas que defendem como se fossem factos.

Ignoram que conversar com quem desafia as nossas mesmices de sempre permite abrir algumas fechaduras, reconhecer preconceitos, e travar dinâmicas de discriminação.

Mas é preciso saber escutar, e há quem opte por não o fazer, talvez por acreditar que tudo o que sabe é tudo o que há para saber. Eu sei que não sei tudo, e por isso continuo disposta a conversar, a ler, e a sugerir leituras.

Para já, recomendo, além do livro *Porque Deixei de Falar com Brancos sobre Raça*, de Reni Eddo-Lodge, duas obras de Lilian Thuram, ambas com edições portuguesas da Tinta da China: *As Minhas Estrelas Negras* e *Pensamento Branco*. Nesta, leio muito do tanto que observo: "Sempre que se fala de racismo, a tónica é colocada nos que são discriminados", escreve Thuram, debruçando-se sobre a importância de analisar a branquitude e os seus pactos. "Quem concebeu um discurso que coloca os brancos no topo da 'hierarquia humana'? Quem pretende fazer crer que os negros são menos capazes? Quem decidiu que eles não teriam direito às mesmas oportunidades que os homens brancos e as mulheres brancas?" Dos questionamentos, o autor parte para respostas, esmiuçando as múltiplas expressões do "pensamento racialista branco".



Ignoram que conversar com quem desafia as nossas mesmices de sempre permite abrir algumas fechaduras, reconhecer preconceitos, e travar dinâmicas de discriminação."

Termino com um exemplo dessa 'máquina', extraído de uma carta que me foi endereçada por um leitor, em discordância com o meu último artigo.

"Se não tivesse aproveitado essas coisas boas que os colonialistas deixaram, certamente andaria, lá na sua terra de origem, descalça, enrolada em panos, filho atado às costas, curvada, de catana nas mãos, a trabalhar as lavras, machambas, bolanhas e talvez fosse a terceira ou quarta mulher do soba!"

Além de me colocar 'no meu lugar', de 'preta resgatada pelo salvador branco' (tradução minha), o leitor pede-me para abandonar "o rancor, a má-língua" – que é como quem diz a capacidade de pensar pela minha cabeça, e de me libertar de grilhos colonialistas –, e insta a que demos as mãos "brancos, pretos, mestiços". Fá-lo recorrendo a categorias racistas, criadas para nos desumanizar. Terá, seguramente, a melhor das intenções, mas elas continuam incapazes de salvar as nossas vidas negras. E, mais do que não morrer e sobreviver, nós exigimos viver. Plenamente humanos.

**Frase de Mamadou Ba, dirigente do SOS Racismo, extraída de um vídeo divulgado pela Front Line Defenders, instituição internacional que, em 2021, distinguiu o activista com o "Prémio Anual de Defesa dos Direitos Humanos em Risco", da região europeia.*

Fundadora do Afrolink



Opinião
Francisco George

Opinião Pessoal (XXIV)

Já aqui escrevi sobre o panorama do envelhecimento da população residente em Portugal. O fenómeno da atual transição demográfica era esperado, desde há muito. Todos sabiam que iria acontecer. Por outras palavras, a população portuguesa não envelheceu de forma súbita. Ano após ano a proporção de pessoas idosas aumentou de forma imparável, em comparação com o ano anterior. Assim, em termos percentuais, o país passou a ser habitado por mais idosos. Situação com tendência para se acentuar no final da década.

O aumento da esperança de vida verificado em Portugal traduz, naturalmente, os imensos avanços socioeconómicos e de Saúde Pública que foram alcançados desde 1974.

Já manifestei a minha convicção de ser possível prolongar, ainda mais, a esperança de vivermos, apesar do notável aumento da longevidade que foi conseguido, até agora: entre a população com 65 ou mais anos de idade, 30% são pessoas com idade superior a 80 anos.

Para ser possível prolongar o tempo de viver, há que implementar medidas que visam, também, elevar a qualidade de vida das pessoas. Isto é, com mais autonomia. Com mais atividade produtiva. Com mais energia. Com mais saúde. Com mais prosperidade.

Para tal, é preciso desenhar e implementar políticas setoriais, concretas, destinadas a incentivar a promoção da saúde e a prevenção das doenças. Essas ações, desde que cientificamente fundamentadas, serão contempladas em políticas públicas conduzidas pelos diferentes departamentos do Estado e, em particular, pelo Ministério da Saúde. O sucesso dessas políticas preventivas depende, antes de tudo, da respetiva aceitação social e do grau de participação da população.

Em resumo, sou da opinião que é oportuno impulsionar a componente de prevenção no Sistema de Saúde, na perspetiva do envelhecimento saudável. É preciso tudo fazer nesse sentido. Não adiar.

É o caso da introdução de novas vacinas para adultos que são eficazes para evitar complicações de certas infeções respiratórias, tanto de natureza viral como bacteriana. Pesquisas científicas recentes comprovam os seus efeitos positivos que não podem ser ignorados. Refiro-me à vacina contra a gripe de "alta dose", que tem uma carga antigénica quatro vezes maior do que a vacina sazonal *standard* e que é especialmente indicada para prevenir as complicações respiratórias em idosos (por exemplo, a partir dos 80 anos) durante as semanas frias.

Com o mesmo propósito, estão, igualmente, aconselhadas, a partir dos 65 anos de idade, as vacinas inovadoras contra as doenças provocadas pelo pneumococo, que visam evitar os efeitos associados à pneumonia, meningite e otites.

No mesmo sentido, as vacinas contra as infeções originadas pelo vírus sincicial respiratório (VSR) estão indicadas para adultos com idade igual ou superior a 60 anos, mas, igualmente, para serem administradas, em dose única, a mulheres grávidas entre as 24 e 36 semanas de gravidez, a fim de prevenir infeções do recém-nascido.

Conclusão: Estudos de custo-benefício demonstram que os investimentos necessários para aquisição e administração das vacinas são compensados pelas poupanças decorrentes da redução das despesas que estariam relacionadas com a hospitalização de doentes, incluindo os tratamentos em unidades de cuidados intensivos (em doentes sem vacinação contra estas doenças).

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com



COMBATER a Hipertensão Arterial é uma guerra de todos

O Dia Mundial da Hipertensão foi assinalado com rastreios gratuitos em Lisboa. A iniciativa "Pela Saúde de Portugal" disponibilizou quatro postos de atendimento à população e sensibilizou para os perigos da doença.



Maria José Arruda interrompeu o passeio da manhã quando avistou a carrinha de rastreio da Sociedade Portuguesa de Hipertensão estacionada junto à da Igreja de São João de Brito, na zona de Alvalade. "Sou dos Açores, mas estou aqui de férias com a minha filha", explicou a senhora de 67 anos, depois de ter participado no rastreio onde lhe mediram os níveis de pressão arterial e fizeram a medição do colesterol. "Está tudo dentro dos valores normais. Gostei muito, as meninas foram muito simpáticas e correu tudo muito bem".

Esta ação na capital, inserida na iniciativa Pela Saúde de Portugal que anda a percorrer o país, coincidiu com o Dia Mundial da Hipertensão, assinalado anualmente a 17 de maio. É uma data aproveitada pela comunidade médica para divulgar e alertar sobre os perigos e consequências dessa condição que tanto afeta as sociedades modernas e ocidentais sendo o principal risco para as doenças cardiovasculares. A médica Rosa de Pinho afirma que a Liga Internacional de Hipertensão Arterial comemora este dia desde 2005. "É uma preocupação mundial a que nos associamos também em Portugal".

A especialista em medicina geral e familiar e presidente da Sociedade Portuguesa de Hipertensão destacou igualmente a importância das ações de rastreio como a que decorreu em Lisboa já depois de ter passado por outras cidades. "Infelizmente nesta região mais densamente urbana e populacional também há queixas e, neste caso, são sobretudo ligadas ao facto de não haver médicos de família suficientes".

FRENTE MÉDICA COLETIVA

Rosa de Pinho também lamenta a escassez de nutricionistas nos cuidados de saúde primários e cuidados hospitalares explicando do que a especialidade é fundamental no combate aos problemas de tensão arterial pela influência dos hábitos alimentares. Nota a médica que o excesso de sal e açúcar na mesa dos portugueses é uma batalha para ser travada porque, cada vez mais, a obesidade é uma marca na população e, desde logo, nos mais novos.

O rastreio gratuito que a Sociedade Portuguesa de Hipertensão está a fazer, com apoios da farmacêutica Servier Portugal, Diário de Notícias e TSF, vai continuar a correr o país. Depois de assinalado o Dia Mundial de Hipertensão, em Lisboa, a próxima ação vai decorrer a 22 de junho, em Évora.

Fernando Martos Gonçalves, coordenador de medicina interna no Hospital Beatriz Ângelo, não discorda da colega, mas sublinha que a luta contra a hipertensão tem de ser coletiva. "Cada vez mais, sabemos que



esta doença não diz respeito só a médicos da medicina geral e familiar, ou medicina interna, ou a cardiologistas. Terá de ser uma equipa multidisciplinar a abordar cada doente. São necessárias as intervenções de todos, sejam nutricionistas, dietistas, farmacêuticos, enfermeiros, etc., não há dúvida que estamos numa guerra e só se pode vencer com o apoio de muita gente".

O rastreio gratuito que a Sociedade Portuguesa de Hipertensão está a fazer, com apoios da farmacêutica Servier Portugal, Diário de Notícias e TSF, vai continuar a correr o país. Depois de assinalado o Dia Mundial de Hipertensão, em Lisboa, a próxima ação vai decorrer a 22 de junho, em Évora.







A Hipertensão não tem cura, mas tem tratamento e pode ser controlada através de medicação e de um estilo de vida mais saudável. Como prevenção, mude hábitos alimentares doseando melhor o sal e a gordura, pratique atividade física e faça a medição regular da pressão arterial e dos níveis de colesterol.


GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Juan Fernández Trigo
"O importante é que o eixo Lisboa-Madrid não exclua o Lisboa-Porto-Vigo"

ALTA VELOCIDADE O embaixador de Espanha em Lisboa explicou ao DN como o Governo espanhol viu os anúncios sobre a ligação ferroviária.

ENTREVISTA **SUSANA SALVADOR**

O Governo português anunciou, na semana passada, o plano para a ligação ferroviária de alta velocidade entre Lisboa e Madrid. Acredita que em 10 anos será possível fazer a viagem em três horas?
Espero que sim, porque acho que vai ser uma coisa extraordinariamente benéfica. Madrid e Lisboa são as duas únicas capitais europeias que não estão ligadas pela alta velocidade. Mas também há que dizer que não é necessário ficarmos agarrados às datas de forma inamovível. Porque as vicissitudes são muitas e não podemos prever qual será a situação económica e orçamental. Mas penso que é bom ter-se fixado uma data, porque isso obriga a fazer um esforço para cumprir esse compromisso. O que acho que é o melhor foi ter-se tomado uma decisão, uma decisão que a mim me parece perfeitamente compatível com a ideia de uma alta velocidade entre Lisboa e Porto e, claro, a ligação de Porto com Vigo. Porque eu entendo perfeitamente que um país precisa de uma coesão nacional e, em Portugal, essa coesão nacional é claramente vertical. Não se entenderia e não queria que Portugal sacrificasse isso por uma coesão digamos horizontal, entre Lisboa e Madrid.
Havia o receio de que a aposta em ligar as duas capitais pudesse fazer cair essa outra ligação a norte?
Penso que houve, durante alguns meses, uma série de opiniões que levaram a pensar que um projeto excluía o outro. Até tive a sensação de que algumas comunidades autónomas em Espanha optavam por um sistema ou outro. Por isso parece-me uma decisão muito inteligente do Governo português, dizer que as suas prioridades são as duas iniciativas. Porque as duas são enriquecedoras para Portugal e para Espanha. E também acho que foi uma decisão muito importante decidir a localização do novo aeroporto, que acho que é um imperativo, já que estas iniciativas têm, de alguma foram, de ser concertadas. Quer dizer, onde é o aeroporto tem a ver com onde passa a alta velocidade e, é claro, a construção da nova ponte sobre o Tejo. Eu estou muito otimista, mas como já disse, não podemos jurar e garantir as datas. Acredito que o importante é que se tenha tomado uma decisão e que um eixo não exclua o outro. Que o eixo Lisboa-Madrid não exclua o Lisboa-Porto-Vigo.
Outra ligação que é importante é a de Sines, que se prevê possa estar pronta para o ano...
É importante que a aposta no Porto de Sines, onde há investimentos tão grandes, possa ter, digamos assim, uma saída natural. Visitei há pouco tempo as instalações da Repsol, onde o último investimento é de 600 milhões, o Projeto ALBA, que é para criar uma produção de nova geração de polímeros. A indústria do plástico é essencial hoje em dia, em especial, fazê-la menos poluente, menos dependente das energias não-renováveis. E a aposta que o Governo português fez por Sines exige também uma saída para todas essas novas mercadorias, que hoje em dia estão a sair a um ritmo de 60 camiões por dia. À medida que se aumenta a produção, seria impossível manter esse meio de transporte para dar vazão às mercadorias. Então acho que é muito importante.
E em relação às ligações por estrada. Também há planos aí?
Existem compromissos, nas várias cimeiras ibéricas, nas quais ambas as partes manifestaram a ideia de que talvez seja conveniente reforçar as ligações com Castela e Leão, ou seja, na zona média superior de Portugal, e depois talvez adicionar uma ligação ao nível da Extremadura, adicional à que já existe com Badajoz. Estamos a trabalhar numa estratégia de cooperação transfronteiriça e acho que também devemos insistir na ideia de que algumas ligações podiam ser incrementadas, porque neste momento temos cinco pontos de conexão ao longo de uma fronteira de 1200 quilómetros, que talvez sejam insuficientes. A vantagem em Portugal é que é preciso pôr de acordo muito menos gente. A diversidade institucional que tem Espanha, com autoridades provinciais, municípios, comunidades autónomas... requer talvez um trabalho um pouco mais complicado.

> *"Sem deixar de reconhecer que a relação entre Sánchez e Costa era muito íntima e próxima, entre Portugal e Espanha são tantos os interesses que, evidentemente, os Governos acabam por chegar ao mesmo nível de relacionamento."*

Voltando à alta velocidade, como estão as ligações em Espanha?
Temos construído boa parte do troço da Extremadura, que vai de Plasensia a Cáceres, Mérida e Badajoz, mas o que nos faz falta é, sobretudo, o troço que vai pela zona de Toledo até Madrid. Aí faz falta um esforço adicional para unir a parte que vai desde o norte da Extremadura até ao que seria já a comunidade de Castela-Mancha, Toledo e Madrid. Também nós temos de fazer o nosso trabalho, da mesma forma que aqui está muito avançada a parte Évora-Elvas, mas é preciso trabalhar a parte até Lisboa.
O Governo português falou com o espanhol antes do anúncio?
Acho que não, porque ficámos muito agradavelmente surpreendidos quando o ministro [Paulo] Rangel nos disse que haveria notícias no mesmo dia da sua visita a Madrid. Estávamos expectantes. Essa foi a interpretação que tive, acho que não se anunciou com caráter prévio porque o Conselho de Ministros tomou a decisão nesse mesmo dia. Foi uma surpresa muito agradável, porque como disse já começava a haver certas diferenças entre as várias comunidades autónomas sobre qual deveria ser a prioridade a defender por parte de Espanha. Eu sempre disse que não devíamos interferir nas decisões do Governo português e que, se ele ou as forças políticas portuguesas viam que o eixo Porto-Lisboa era importantíssimo para a sua coesão nacional, nós devíamos respeitar isso, sem deixar de argumentar que isso não excluía o eixo Lisboa-Madrid, que também acho que será muito prometedor para todos os nossos investimentos, para o nosso comércio e para os nossos viajantes.
Com a mudança de Governo em Portugal, como estão as relações com Espanha?
Sem deixar de reconhecer que a relação entre o presidente do Governo Pedro Sánchez e o ex-primeiro-ministro António Costa era muito íntima e próxima, entre Portugal e Espanha são tantos os interesses que, evidentemente, os Governos acabam por chegar ao mesmo nível de relacionamento. Há muitos interesses ligados à institucionalidade. Claro que é preciso esperar para que essa institucionalidade se transforme em amizade pessoal, para haver um maior contacto e os líderes se conhecerem melhor, mas tenho a certeza de que será assim. Porque, neste momento, a nossa relação é mais próxima do que nunca. E estou convencido de que não será, em momento algum, afetada pela mudança de Governo.
Já se sabe quando será a próxima cimeira ibérica?
Está pensado, mas ainda não acordado com o Governo português, que será no mês do outubro, talvez na última semana, no Algarve, ainda não sabemos onde. Temos que esperar pelo anúncio oficial.

susana.f.salvador@dn.pt



Transportadora pública está a ultimar a encomenda do novo material circulante.

CP tem 578 milhões para comprar 16 TGV

COMBOIOS Concurso para nova ponte Chelas-Barreiro deverá ser lançado em 2027. Governo pede foco na execução dos investimentos na ferrovia.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**

São 578 milhões de euros para 16 novos comboios. A CP está a ultimar a encomenda para apostar na nova rede de alta velocidade em Portugal e competir com a concorrência doméstica e internacional. Na Cimeira Ferroviária Nacional, no Entroncamento, o Governo pediu foco na execução dos investimentos na ferrovia.

"A CP tem de estar no projeto da alta velocidade", salientou o presidente da companhia ferroviária, Pedro Moreira. O anterior Governo previa que o concurso fosse lançado nos primeiros três meses deste ano. Agora, o calendário aponta mais para o final de 2024. Falta ainda, por exemplo, a contratação de serviços jurídicos externos para garantir que não se repetem os problemas com os dois anteriores concursos de encomenda de material circulante, que foram contestados pelos concorrentes derrotados.

Também diferente é o financiamento para a compra destes comboios: como a alta velocidade será um serviço comercial, sujeito à concorrência, não pode contar com o financiamento do Estado. A manutenção dos comboios será feita nas oficinas da CP.

Espera-se que a partir de 2030 haja comboios de alta velocidade entre Porto e Soure, permitindo que a viagem ferroviária entre Porto e Lisboa demore duas horas, praticamente uma hora a menos do que atualmente, pela Linha do Norte. A construção do troço entre Porto e Soure vai começar entre o final de 2026 e o início de 2027, adiantou o vice-presidente da Infraestruturas de Portugal (IP), Carlos Fernandes.

Também no ano de 2027 deverá ser lançado o concurso para a construção da terceira ponte sobre o Tejo (Chelas-Barreiro) e do troço entre o Poceirão e Évora, para a ligação entre Lisboa e Madrid em cerca de três horas e 30 minutos, um terço do tempo atual. Resta saber se haverá uma parceria público-privada (PPP) só para a nova ponte ou se num só processo estarão reunidas a nova travessia e a ligação Poceirão-Évora. Entre Évora e Elvas, a construção do troço apenas estará concluída no final deste ano, para ser posta a funcionar daqui a um ano, após testes e certificação, detalhou Carlos Fernandes.

Foco na execução

Para que haja Linha de Alta Velocidade entre Porto e Lisboa em 2030, não são permitidas mais derrapagens em obras ferroviárias. Algo que não tem propriamente acontecido em Portugal nos últimos anos. Exemplo disso é o programa de investimentos *Ferrovia2020*, no valor de 2,1 mil milhões de euros: apresentado em fevereiro de 2016, deveria ter ficado pronto até ao final de 2021. No entanto, até ao mês passado, apenas 21% das obras estavam concluídas, adiantou o presidente da IP, Miguel Cruz.

"Nós estamos relativamente atrasados nos investimentos que temos de fazer. Se não conseguirmos ter uma determinada consistência ao longo do tempo, não conseguiremos fazer os investimentos. Este é o tempo em que temos de gerir inteligentemente os investimentos que temos pela frente, com fundos comunitários e outras fontes de financiamento. Perdendo isto, perdemos a credibilidade", salientou o gestor.

O mesmo desígnio foi traçado pelo novo secretário de Estado das Infraestruturas, Hugo Espírito Santo: "Vamos ser absolutamente irredutíveis para que a execução aconteça", referiu o responsável no primeiro evento público.

A especialista em Transportes do Instituto Superior Técnico, Rosário Macário, sinalizou que o Estado "tem de ter competências" para lidar com projetos de infraestruturas e não repetir os problemas do passado. "Não podemos achar normal atrasar os prazos e escorregar nos custos. Achar que é normal escorregar é a maior anormalidade que pode existir", rematou.

geral@dinheirovivo.pt

BREVES

CTT admitem a venda total do banco

O presidente executivo dos CTT, João Bento, admitiu, à Bloomberg, vender o Banco CTT na totalidade, referindo que os Correios estão a considerar "todas as possibilidades". De acordo com a agência financeira, apesar de o Banco CTT ainda ter espaço para crescer antes de uma possível venda de participação, João Bento adiantou que um eventual movimento permitiria que a empresa se focasse no seu *core*, continuando a oferecer uma larga gama de serviços *online* através da sua rede de lojas.
"Estamos a considerar todas as possibilidades, até mesmo vender o banco por inteiro", afirmou, referindo que não existe algo de concreto em termos de uma potencial venda neste momento. "A minha preferência seria continuarmos a ser acionista minoritário no banco, uma vez que irá operar na nossa rede de lojas", disse.

Há mais 23 mil inscritos nos centros do IEFP

O número de desempregados inscritos nos centros de emprego caiu 1,9% em abril face a março, mas subiu 7,8% em termos homólogos, totalizando 318 331, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP).
Daquele total, significa que havia mais 22 909 (+7,8%) do que no mesmo mês do ano anterior, mas menos 6285 (-1,9%) em comparação com março, indica o IEFP.
A nível regional, em abril, com exceção dos Açores (-13,2%) e da Madeira (-21,4%), o desemprego aumentou em termos homólogos, sendo o valor mais acentuado o da região do Algarve (18%).
Já em relação ao mês anterior, com exceção da Região de Lisboa e Vale do Tejo e Centro, a tendência é de redução do desemprego com a maior variação a acontecer na região do Algarve (-19,4%).

CEO da TAP e ministro em rota de colisão

O presidente da TAP defendeu ontem que o Estado deve manter uma posição na empresa em caso de privatização, no que foi secundado por um dos sindicatos da companhia, mas o ministro das Infraestruturas recomendou ao gestor para não se "imiscuir em problemas que são do acionista".

Em entrevista ao *Financial Times*, publicada ontem, o presidente da TAP, Luís Rodrigues, defendeu que o Estado deve manter uma participação na companhia após a privatização e que se deve atrair investidores fora do setor da aviação, para contornar eventuais preocupações concorrenciais da Comissão Europeia com a consolidação de companhias aéreas.

"A minha recomendação seria que o Governo português mantivesse uma posição, fizesse parte de todo o processo de desenvolvimento", disse o líder da TAP.

Luís Rodrigues justificou que, daquela forma, garante-se que "se os atores mudarem, ninguém entrará com uma agenda diferente", apontando como exemplo a necessidade de servir as regiões da Madeira e dos Açores.

"Acho que em algum momento poderemos estar prontos para uma venda de 100%, mas vamos passo a passo", realçou.

Já o ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, à saída de uma reunião, em Bruxelas, defendeu: "Concordo que o presidente da TAP se deve focar na gestão da TAP e não se imiscuir em problemas que são do acionista."

O presidente do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, Ricardo Penarróias, manifestou-se satisfeito com a posição do presidente da TAP, considerando que o CEO tem "sobre esta matéria a mesma opinião que o sindicato". Em nota enviada à Lusa, lembrou que o SNPVAC sempre defendeu "que o Estado, numa futura privatização, deve manter uma percentagem para que possa ter uma influência nos desígnios estratégicos da companhia".

DN/DV/LUSA


OSCAR DEL POZO / AFP

O presidente argentino, Javier Milei, no evento do Vox onde causou polémica ao apelidar a mulher de Sánchez (indiretamente) de corrupta.

"Milei e Sánchez são o melhor inimigo um do outro"

CRISE Investigador do ICS-UL Andrés Malamud considera que o caso permite aos líderes galvanizarem as bases: o argentino distrai da recessão e o espanhol polariza para as europeias.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Espanha anunciou ontem a retirada definitiva da sua embaixadora da Argentina, aprofundando a crise diplomática desencadeada pelas declarações, no domingo, do presidente argentino, Javier Milei, que chamou "corrupta" à mulher do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez. Madrid exigiu um pedido de desculpas público, que Buenos Aires recusou, considerando que é a eles que é devido um pedido de desculpas, por o presidente ter sido insultado primeiro. Buenos Aires diz ser "absurda" a retirada da embaixadora, afirmando que não vai responder na mesma moeda.

"Milei e Sánchez são o melhor inimigo um do outro", resume ao DN o investigador principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa Andrés Malamud. O argentino, a viver há anos em Portugal, explica que toda esta crise está pensada na política doméstica. "Ambos galvanizam a sua base. Milei distrai da recessão e Sánchez polariza para as eleições europeias", diz, lembrando que "as decisões comerciais e de investimento passam por outro lado".

No início deste ano, havia 117 multinacionais espanholas instaladas na Argentina, segundo o Instituto Espanhol de Comércio Externo, citado pelo *site* argentino Infobae. É o principal laço económico entre os dois países, já que nenhum deles é o principal sócio comercial do outro e as trocas diminuíram nos últimos anos – em parte, por causa da situação económica na Argentina, que enfrentou uma crise de hiperinflação e recessão.

Espanha é o segundo país que, através das suas empresas, mais investe na Argentina (atrás dos EUA), num total de 21,4 mil milhões de dólares no terceiro trimestre do ano passado. Já as empresas argentinas em Espanha investiram cerca de nove mil milhões de dólares em 2021. "Os investimentos gerem-se de outra maneira, são de muito longo prazo. As empresas espanholas têm muita atividade aqui", resumiu a chefe da diplomacia argentina, Diana Mondino, rejeitando a hipótese de a crise diplomática afetar os investimentos.

O presidente da Confederação Espanhola de Organizações Empresariais, Antonio Garamendi, criticou as declarações de Milei, considerando-as "fora de tom" e algo que não se diz entre países "amigos" e "irmãos".

As declarações do presidente argentino foram feitas num ato do partido de extrema-direita espanhol Vox. Milei alega que não usou nomes quando mencionou a "mulher corrupta" e a necessidade de se tirarem "cinco dias para pensar". Begoña Gómez tem estado debaixo de fogo em Espanha, por alegadas suspeitas de tráfico de influências e corrupção – ainda ontem veio a público um documento da Guardia Civil onde se diz que não foram encontrados quaisquer indícios de crime. Por causa dos ataques à mulher, Sánchez equacionou renunciar à chefia do Governo, tirando cinco dias para refletir.

Depois das declarações de Milei, Espanha exigiu um pedido de desculpas, mas os argentinos consideram que o presidente foi o primeiro a ser insultado – entre outros, o ministro dos Transportes, Óscar Puente, sugeriu que ele consumia "substâncias". Buenos Aires protestou, pediu a demissão do ministro (tal como a oposição espanhola), mas depois considerou o tema resolvido. Já Puente pediu ao Partido Popular para "não exagerar" o caso.

Os socialistas são os que agora estão a ser acusados de exagerar. Começaram por chamar para consultas a sua embaixadora em Buenos Aires, María Jesús Alonso Jiménez, depois chamaram o embaixador argentino em Madrid, Roberto Bosch, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e finalmente decidiram retirar "em definitivo" a sua diplomata da Argentina. Tudo em menos de três dias.

"Os interesses eleitorais de Sánchez não são mais importantes que os de Espanha na Argentina", escreveu o líder do PP, Alberto Núñez Feijóo, no X. "É mais um exagero inapropriado de quem não retirou o embaixador na Rússia pela invasão da Ucrânia. Exijo que reconsidere e que pare esta deriva. Merecemos uma política mais séria", acrescentou, apesar de o partido também ter considerado "chocante" o discurso de Milei em Madrid.

susana.f.salvador@dn.pt

As frases que levam à rutura

"As elites globais não percebem o quão destrutivo pode ser implementar as ideias do socialismo. (...) Quer dizer, mesmo que tenha a mulher corrupta, suja-se e demora cinco dias para pensar nisso."
Javier Milei
Presidente argentino
19 de maio, em Madrid

"É inaceitável que um presidente em exercício, de visita a Espanha, insulte Espanha e o presidente do Governo de Espanha. (...) Anuncio que acabo de chamar para consultas a nossa embaixadora em Buenos Aires. (...) Além disso, a Espanha também exige um pedido público de desculpas do Sr. Javier Milei. Caso estas desculpas não sejam apresentadas, tomaremos todas as medidas que consideramos adequadas para defender a nossa soberania e dignidade."
José Manuel Albares
Chefe da diplomacia espanhola
19 de maio

"Chamaram-lhe odiador, negacionista, [acusaram-no de] 'ingerir substâncias', de autoritário, de antidemocrático e de ser uma pessoa 'muito má'. Oxalá em algum momento reflitam e peçam sinceras desculpas."
Manuel Adorni
Porta-voz da Presidência argentina
19 de maio

"Voltou o leão, surfando sobre uma onda de lágrimas socialistas."
Javier Milei
20 de maio (já de regresso à Argentina)

"Entre os Governos, os afetos são livres, mas o respeito é irrenunciável, por isso pedimos ao atual presidente de Governo da República Argentina uma retificação pública. (...) Estou plenamente consciente de que quem falou ontem não o fez em nome do grande povo argentino."
Pedro Sánchez
Primeiro-ministro espanhol
20 de maio

"Desde que tomei posse, Pedro Sánchez nunca me telefonou para me felicitar. (...) O cobarde (...) está coordenado com o kirchnerismo. (...) Não lhe vou pedir desculpas de maneira nenhuma, se fui eu o agredido."
Javier Milei, 20 de maio

"A embaixadora ficará definitivamente em Madrid. Argentina fica sem embaixadora."
José Manuel Albares, 21 de maio

"É um disparate típico de um socialista arrogante. (...) Não vamos tomar uma medida semelhante. Quem tem complexo de inferioridade em relação a mim é Pedro Sánchez."
Javier Milei, 21 de maio

Iranianos despedem-se do presidente Raisi

Dezenas de milhares de iranianos prestaram ontem homenagem ao falecido presidente Ebrahim Raisi, cuja morte num acidente de helicóptero abriu um período de incerteza política que culminará em eleições a 28 de junho para seu sucessor. As cerimónias fúnebres começaram pela manhã em Tabriz, grande cidade no noroeste do Irão, perto de onde Raisi morreu no domingo, junto com outras sete pessoas. Os oito caixões, cobertos com a bandeira iraniana, foram posteriormente transferidos para um aeroporto na capital, Teerão, tendo sido levados para a cidade sagrada de Qoms, onde outra cerimónia decorreu à tarde [*na foto*]. Raisi será hoje homenageado na capital e amanhã na sua cidade natal, Mashhad, no nordeste do país, onde será enterrado à noite. O *ayatollah* Khamenei, líder supremo do Irão, presidirá as orações na cerimónia desta quarta-feira.



HAMID ABEDI / IRNA / AFP

Rússia inicia exercícios nucleares e Ucrânia reivindica ataque a navio

GUERRA Kiev diz que aliados podem derrubar mísseis russos a partir do seu próprio território e UE assina acordo de segurança com a Moldávia.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A Rússia iniciou um exercício militar com armas nucleares táticas na fronteira com a Ucrânia, que alega ser uma resposta a ameaças do Ocidente – nomeadamente as declarações do presidente francês, Emmanuel Macron, sobre a possibilidade de enviar tropas para a Ucrânia. "O exercício atual visa manter a prontidão do pessoal e do equipamento (...) para a utilização de armas nucleares não estratégicas, para responder e garantir a integridade territorial e a soberania do Estado russo em resposta (...) às ameaças de certas autoridades ocidentais", disse o Ministério da Defesa russo, em comunicado.

Os exercícios surgem numa altura em que a Rússia prossegue a ofensiva no nordeste da Ucrânia, com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, a alegar que as suas forças estão a conseguir resultados "tangíveis" em Kharkiv. Mas voltou a apelar aos aliados ocidentais que forneçam mais armas, nomeadamente defesa antiaérea, veículos blindados e munições.

Na Alemanha, o chefe da diplomacia ucraniano, Dmitro Kuleba, sugeriu entretanto que os aliados podem derrubar mísseis russos que estejam a ser usados para atacar a Ucrânia a partir do seu próprio território. "Não existe nenhum argumento legal, de segurança ou moral que impeça os nossos parceiros de derrubar os mísseis russos por cima do território da Ucrânia a partir do seu território", afirmou Kuleba numa conferência de imprensa, ao lado da homóloga alemã, Annalena Baerbock. "Se não querem fazer isso, deem-nos os meios necessários. Nós utilizamo-los no território da Ucrânia e intercetaremos nós mesmos esses mísseis", que apelidou de "pedaços de metal que transportam a morte da Rússia para a Ucrânia".

Kiev reivindicou entretanto a destruição, num ataque no fim de semana, do último navio russo armado com mísseis de cruzeiro que estava na Crimeia (ocupada ilegalmente pela Rússia). "De acordo com informações confirmadas, na noite de 19 de maio, as Forças Armadas da Ucrânia atingiram o navio porta-mísseis russo *Cyclone* do projeto 22800 em Sebastopol", segundo um comunicado oficial.

União Europeia

A União Europeia aprovou ontem formalmente o uso dos lucros inesperados gerados pelos ativos russos que estão congelados nos bancos europeus para ajudar a comprar armas para a Ucrânia. Os 27 esperam que isso possa gerar cerca de três mil milhões de euros anualmente para ajudar Kiev a travar a invasão russa, assim como ser usados na reconstrução.

Entretanto, vários Estados-membros apelaram ao início das negociações para a adesão da Ucrânia (e da Moldávia) à União Europeia já em junho. Algo que a Hungria rejeita, considerando que não houve progresso suficiente da parte de Kiev para tal. Do lado da Moldávia, a UE assinou ontem um pacto de segurança e defesa com este país, para ajudar a lidar com as ameaças russas. É o primeiro pacto do género. **Com AGÊNCIAS**

EUA pede a Israel para repor transmissão da AP

GAZA Agência norte-americana denunciou gesto israelita. Câmara confiscada por causa de proibição imposta à Al-Jazeera, canal que usava as imagens.

Os EUA pediram ontem a Israel que reverta a decisão de cortar a transmissão de vídeo em direito da Associated Press a partir de Gaza. "Temos estado em contacto direto com o Governo de Israel para expressar as nossas preocupações sobre esta ação e pedir-lhes que a revertam", disse um porta-voz da Casa Branca. "É bastante chocante. Penso que os jornalistas precisam de poder fazer o seu trabalho livremente", disse o porta-voz do secretário-geral das Nações Unidas, Stéphane Dujarric, ao ser questionado sobre a reação de António Guterres.

A agência de notícias denunciou o facto de as autoridades israelitas terem apreendido uma câmara e equipamento de transmissão a funcionários seus no sul de Israel, acusando a AP de violar a proibição imposta à televisão Al Jazeera. A AP tem o canal de satélite do Qatar entre os milhares de clientes que recebem transmissões de vídeo em direto da agência.

O Governo israelita ordenou o encerramento dos escritórios da Al Jazeera em Israel a 5 de maio e proibiu as emissões e a difusão do *site* do canal no país, após a aprovação de uma lei que permite proibir a difusão de meios de comunicação social estrangeiros que prejudiquem a segurança do Estado.

O Ministério das Comunicações israelita indicou, num comunicado, que "os fotógrafos da AP fotografam regularmente a Faixa de Gaza a partir da varanda de uma casa em Sderot", nos limites do território palestiniano, "incluindo focando as atividades dos soldados [israelitas] e o seu paradeiro". A agência disse que cumpre as regras de censura militar de Israel, que proíbe a transmissão de pormenores como movimentos de tropas que possam pôr em perigo os soldados. **DN/Com AGÊNCIAS**

Leverkusen persegue época mágica e pode encher já os cofres do Benfica

LIGA EUROPA Final é esta noite entre os alemães (há 51 jogos consecutivos sem derrotas) e a Atalanta, carrasco do Sporting que deixou o Liverpool pelo caminho. Triunfo dos germânicos vale entrada direta das águias na *Champions*.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O Bayer Leverkusen vai tentar esta noite em Dublin, na Irlanda do Norte, prosseguir o seu conto de fadas vencendo a Liga Europa numa época que já é memorável – a final contra a Atalanta começa às 20.00 horas (SIC). A ser realidade, o clube germânico conquista o segundo troféu europeu da sua história, dá seguimento a uma temporada sem derrotas (já são 51 jogos consecutivos) e depois de se ter sagrado também Campeão Alemão, pode ainda juntar ao currículo a Taça da Alemanha – jogam a final dia 25 contra o Kaiserslautern, da II liga.

Esta final será seguida com particular atenção pelos benfiquistas, pois, dependendo do desfecho do jogo, podem já esta noite ficar a saber que têm entrada direta na renovada Liga dos Campeões de 2024-25 (vai sofrer várias alterações, a começar pelo facto de a habitual fase de grupos dar lugar a uma única liga, com 36 equipas) e que, assim, escapam a ter de disputar a terceira pré-eliminatória e o *play-off* da competição.

Vamos então a estas contas. Caso o Bayer Leverkusen conquiste a Liga Europa, o Benfica garante imediatamente entrada direta na *Champions* (porque os alemães já tinham lugar assegurado por via vitória na *Bundesliga*) e um bolo de cerca de 40 milhões de euros, prémio da UEFA pela presença na fase de grupos aliado a um valor pago relacionado com o *ranking* dos últimos cinco anos.

Mas atenção! Se a Atalanta vencer a final europeia, o Benfica ainda tem *chances* de apuramento direto. Neste caso, porém, as contas são mais complicadas, pois precisam que os italianos terminem o campeonato entre os quatro primeiros classificados (posições que dão acesso à *Champions*). Neste momento estão na 5.ª posição, com menos dois pontos do que a Juventus e Bolonha, mas têm ainda dois jogos por disputar, ao contrário dos rivais que têm apenas mais um.

O Bayer, que acabou com uma década de domínio do Bayern Munique na Liga Alemã, chega à final de Dublin como favorito a levantar o troféu, embora a Atalanta também prometa apresentar argumentos, sobretudo após deixar pelo caminho o Liverpool, que era o grande favorito a vencer esta competição.

Os germânicos, sob a liderança do espanhol Xabi Alonso, vão disputar a terceira final europeia, e já com uma Taça UEFA no currículo (1987/88, frente ao Espanyol). Os italianos, estreantes neste tipo de jogos, são comandados por Gian Piero Gasperini, que vai na oitava temporada seguida no clube e é já considerado uma lenda em Bérgamo.

No caminho até à final, o Leverkusen venceu todos os jogos do Grupo H e, nos oitavos-de-final, despachou novamente o Qarabag (já os tinha encontrando no agrupamento), seguindo West Ham e AS Roma. Em todas as eliminatórias, perante azeris, ingleses e italianos, a equipa de Xabi Alonso esteve a poucos minutos, e até segundos, da primeira derrota da época, mas salvou-se sempre nos descontos com os três clubes.

Já a Atalanta fez uma qualificação mais consistente (eliminou o Sporting) e passou a ser vista como possível vencedora da prova quando eliminou o Liverpool nos quartos-de-final, impondo um 3-0 em Anfield. Nas meias-finais, os italianos deixaram o Marselha pelo caminho, equipa que tinha eliminado o Benfica.

Entre as figuras com maior protagonismo, no Bayer destaca-se o jovem médio Florian Wirtz, que é apontando como a grande esperança da Alemanha no Euro2024, que o país vai organizar. E também o ex-benfiquista Alex Grimaldo, que realizou uma época notável, com 12 golos e 18 assistências, números impressionantes para um lateral.

Na Atalanta sobressai o avançado Gianluca Scamacca, internacional italiano, que ganhou nova vida após ter andado perdido por Inglaterra. E ainda Teun Koopmeiners e De Ketelaere, dois dos melhores marcadores da equipa atrás de Scamacca.

O treinador Gian Piero Gasperini não escondeu a difícil missão que a sua equipa terá pela frente, mas confia nos seus jogadores. "Contra o Leverkusen representamos toda a Itália. Eles não perdem há 51 jogos, são fortes e vão criar-nos problemas, mas nós também", prometeu ontem.

Já Xabi Alonso desvalorizou o recorde de jogos sem perder da sua equipa esta temporada e a influência que isso terá no jogo desta noite. "Quando chegas a uma final o importante é ganhá-la, não são os números. Respeito a Atalanta, uma equipa com grande identidade, com a marca de Gasperini. Mas acredito que vamos vencer", disse.

nuno.fernandes@dn.pt

"51 jogos sem perder? Quando chegas a uma final o importante é ganhá-la, não são os números. Respeito a Atalanta, uma equipa com grande identidade. Mas acredito que vamos vencer."

Xabi Alonso
Treinador do Bayer Leverkusen

"Contra o Bayer Leverkusen representamos toda a Itália. Eles não perdem há 51 jogos, são fortes e vão criar-nos problemas, mas nós também. Como em todas as finais, é preciso jogar com a cabeça. Temos as nossas hipóteses."

Gian Piero Gasperini
Treinador da Atalanta

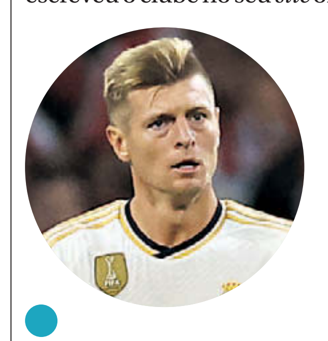
Toni Kroos deixa relvados após Euro. Real perde "uma das grandes lendas"

FUTEBOL Médio alemão anuncia fim da carreira aos 34 anos. Mas até lá ainda tem uma *Champions* e um troféu de seleções para disputar.

O médio alemão Toni Kroos, de 34 anos, vai terminar a carreira após disputar o o Campeonato da Europa de 2024 (*ver mais noticiário nas págs. 4 a 6*), anunciou ontem o jogador que há 10 anos alinha nos espanhóis do Real Madrid.

"A minha carreira de futebolista vai terminar após o Euro. Como já disse, o Real Madrid é o meu último clube", afirmou, na rede social Instagram, o jogador, que integra a lista de pré-convocados do selecionador alemão Julian Nagelsmann para a competição continental, que vai decorrer precisamente na Alemanha, entre 14 de junho e 14 de julho.

Pouco depois da publicação de Kroos, o Real Madrid expressou o seu agradecimento ao médio alemão, que classificou como "uma das grandes lendas" do clube e um "jogador fundamental numa das etapas mais bem-sucedidas" dos seus 122 anos de história. "Toni Kroos ficará para sempre no coração de todos os madridistas pela excelência do seu futebol e por ser um jogador que deu tudo pela nossa camisola e pelos nossos valores", escreveu o clube no seu *site* oficial.



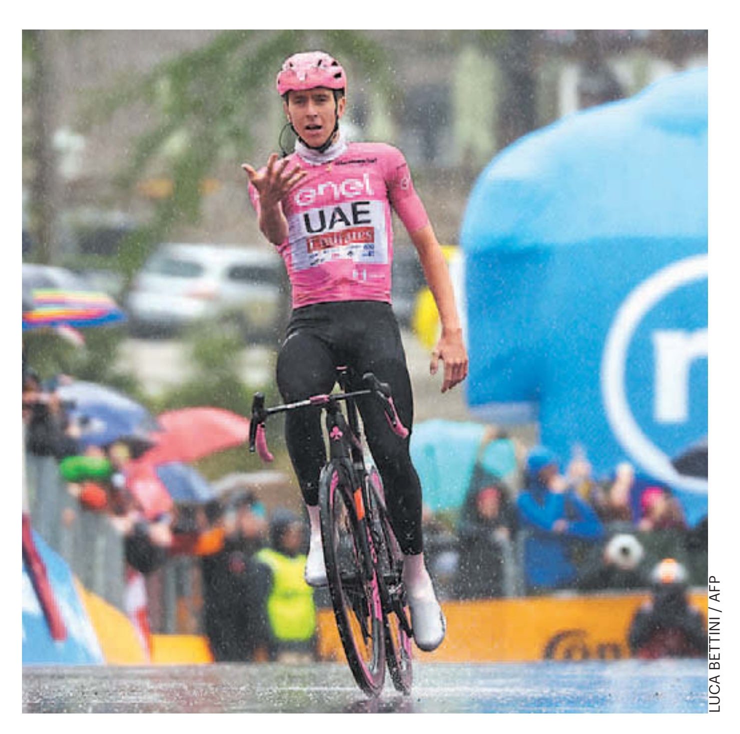
Toni Kroos
Internacional alemão e jogador do Real Madrid

Em 10 anos ao serviço do Real Madrid, Kroos disputou 463 jogos, tendo conquistado um total de 22 troféus: quatro Ligas dos Campeões, cinco mundiais de clubes, quatro Supertaças Europeias, quatro Ligas Espanholas, uma Taça do Rei e quatro Supertaças de Espanha. Já esta época, ajudou os merengues a vencerem a Liga espanhola, bem como a atingirem a final da Liga dos Campeões, que será realizada no dia 1 de junho, diante do Borussia Dortmund, no Estádio de Wembley, em Londres.

Toni Kroos, que é o quinto jogador estrangeiro como mais jogos disputados ao serviço do Real Madrid, soma ainda 108 jogos e 17 golos marcados pela seleção alemã (foi Campeão do Mundo em 2014, no Brasil).

Além do Real Madrid, o jogador representou, na Alemanha, o Bayer Leverkusen e o Bayern Munique.

DN/LUSA



LUCA BETTINI / AFP

Pogacar vence etapa pela 5.ª vez

O ciclista esloveno Tadej Pogacar (UAE Emirates) venceu ontem a 16.ª etapa da Volta a Itália, conquistando uma tirada pela quinta vez nesta edição da prova que lidera de forma ainda mais folgada. Pogacar, que já tinha triunfado na 2.ª, 7.ª, 8.ª e 15.ª etapas, cumpriu hoje os 118,7 quilómetros entre Laas e o Monte Pana em 2:49.47 horas.

Na geral, o esloveno de 25 anos, que foi campeão da Volta a França em 2020 e 2021 e está a estrear-se no *Giro*, é agora secundado pelo colombiano Daniel Martínez ((BORA-Hansgrohe), a 7.18 minutos.

Camille Laurens

"Não suporto o que se diz da mulher do presidente Macron, por ser mais velha do que ele. Acho uma violência sexista"

FRANÇA Em Lisboa para apresentar o livro *Fille* (*Menina*) e amadrinhar o *Choix Goncourt du Portugal*, Camille Laurens falou ao DN dos desafios de nascer mulher no final dos Anos 50. A escritora francesa denuncia a discriminação na língua e saúda a evolução do feminismo. Sem excessos.



Camille Laurens foi fotografada nos jardins da Embaixada de França em Portugal, em Santos.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

Veio a Lisboa para vários eventos, entre eles apresentar o seu livro *Fille* (*Menina*). No final dos Anos 50, quando a sua personagem principal, tal como a própria Camille, nasceu, nascer menina era uma espécie de maldição – para a família e para a própria criança?
Sim. Talvez não de forma geral, mas naquela família [pequena burguesia de Rouen, pai médico, mãe dona de casa], era uma espécie de maldição. E penso que é uma família bastante representativa daquela época, em que os pais queriam ter, pelo menos, um rapaz. Começa por uma deceção. Nascer rapariga significa nascer uma desilusão. Por isso, sim, pode ser considerado uma forma de maldição.
O pai costumava dizer...
Sim, quando lhe perguntavam se tinha filhos, ele respondia: "Não, tenho duas filhas." Isto diz muito.
É um pouco como quando o bebé nascia e a parteira vinha dizer: "É menina." Sentia-se uma espécie de desilusão?
Sim, sim. Sem dúvida. Uma espécie de desilusão e um arrependimento. Que, no caso do pai do livro, se repetiu três vezes, porque teve três filhas. E havia aquela frase que eu repito algumas vezes, quando ele dizia às pessoas que tinha uma filha, elas respondiam: "Também é bom". Também. Não é o ideal, mas também serve. E a ideia era transformar a frase de "também é bom" para "é tão bom quanto". Ainda continuo a trabalhar nisso
Laurence Barraqué, a sua personagem principal, enfrenta vários tormentos no livro – o assédio de um tio quando era criança, aborto, a perda de um filho à nascença, que a Camille também viveu. É um livro, em parte, autobiográfico, mas não totalmente?
Não totalmente, mas bastante autobiográfico.
E foi mesmo acusada de forçar a nota quando fez a sua protagonista passar por todos aqueles episódios. Sentiu que tinha de o fazer por muitas mulheres, na época, terem vivido situações semelhantes.
Claro, eu em primeiro lugar. Um dia decidi fazer a lista de tudo o que me aconteceu de desagradável por ser rapariga. E posso dizer-lhe que não está tudo no livro. É incrível, coisas do quotidiano, mas também coisas mais extraordinárias e mais dramáticas. Portanto não forcei nada a nota. Podia ter contado muito mais.
Essa críticas que recebeu são, elas próprias, o reflexo de uma sociedade ainda patriarcal?

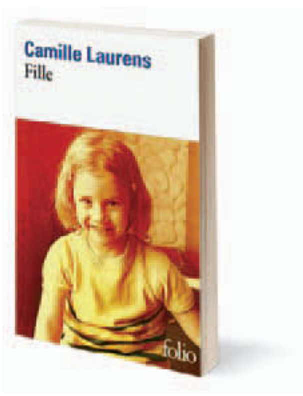


"Um dia decidi fazer a lista de tudo o que me aconteceu de desagradável por ser rapariga. E posso dizer--lhe que não está tudo no livro. É incrível, coisas do quotidiano, mas também coisas mais extraordinárias e mais dramáticas. Portanto não forcei nada a nota. Podia ter contado muito mais."

Sem dúvida. Também recebi críticas de mulheres. Muitas mulheres integraram, interiorizaram este modelo patriarcal. E, sim, há essa ideia de que as mulheres se queixam demais, se fazem demasiado de vítimas. Por isso dizem que exagero, como se quisessem negar a existência dos problemas.
Isso vem confirmar aquela ideia de que as mulheres muitas vezes são o pior inimigo das mulheres?
É verdade que ainda acontece, mas menos. Começa a mudar. Há esta ideia de sororidade, que já existira nos Anos 70. Esta solidariedade entre mulheres, mesmo mulheres que não se conhecem, mas que sabem o que é e as dificuldades que pode trazer ser mulher. Têm uma espécie de comunicação quase sem precisar de palavras. Acho que isto existe cada vez mais. E também intergeracional, o que é emocionante. Quando escrevi *Fille* achei que ia interessar às mulheres da minha geração ou talvez da seguinte. Mas tive imensas leitoras muito jovens. Não é, de todo, a época delas, mas é a época das mães delas. Há essa curiosidade. E essa descoberta, por vezes. Uma mulher não podia passar um cheque em França em 1965? Não foi assim há tanto tempo, 1965! Mas houve todos esses avanços na condição da mulher.
E há aquela imagem dos mais jovens de que a mãe não é uma pessoa, não é uma mulher, é "a mãe".
Sim. E, de repente, descobrem que a mãe também foi uma menina, também é uma mulher.
Quando a "Menina" do seu romance tem ela própria uma menina, é obrigada a repensar as suas noções de feminino. Como é que a Camille vê a evolução do feminismo – dos Anos 70 com as lutas contra o aborto e a favor da contraceção até ao *#MeToo* hoje?
Houve conquistas. O direito ao aborto, a contraceção, etc.. O que eu acho muito forte e eficaz no movimento *#MeToo* é que o verbo se libertou completamente. E que, apesar de haver armadilhas, essa mensagem é recebida, é mais recebida do que antes. Bom, há sempre exceções dramáticas, mas é como o famoso *slogan* das feministas "*Je te crois*" [*Acredito em ti*]. Quando uma mulher se queixa, diz que é vítima, não devemos dizer-lhe sistematicamente "não, não é verdade", ou "não é grave", como me disseram muitas vezes na minha família.
É a tendência para desvalorizar?
Isso mesmo. "Não há nada", "não é grave". E também: "Os homens são assim, temos de aceitar." Mas hoje em dia estamos quase no excesso inverso, é um pouco a tolerância zero. Já não se aceita nenhum desvio por parte dos homens.
O que também tem os seus perigos?
Sim, porque podemos cair no excesso inverso. E há as mulheres que mentem. Também não podemos dizer que as mulheres são perfeitas e dizem sempre a verdade. Há mulheres que se querem vingar. Mas o importante é que se parta do princípio de que tem de se ouvir a mulher – e depois decidir.
Como dizia, os direitos das mulheres evoluíram muito, mas há uma coisa que pouco mudou: a língua, a maneira de falar, que continua discriminatória. E a Camille dá vários exemplos: "Corres como uma menina", "faz-te homem". Esse é um combate para a próxima geração?
Sim. Não sei se para a geração seguinte, mas é preciso ter cuidado com a maneira de falar, com as expressões. Porque é aí que se joga. Não podemos pensar que o que dizemos não é importante, que só importam os atos, a política, as leis. A linguagem corrente é muito importante. Há expressões que temos de banir do nosso vocabulário. Porque a língua é uma maneira de pensar.
Como escritora, alguém que trabalha com as palavras, tem essa preocupação?
Ah claro, constantemente. O meu trabalho é isso, é ter cuidado com a linguagem, com cada palavra, com cada significado, mesmo os significados escondidos, os duplos sentidos. É a minha paixão.

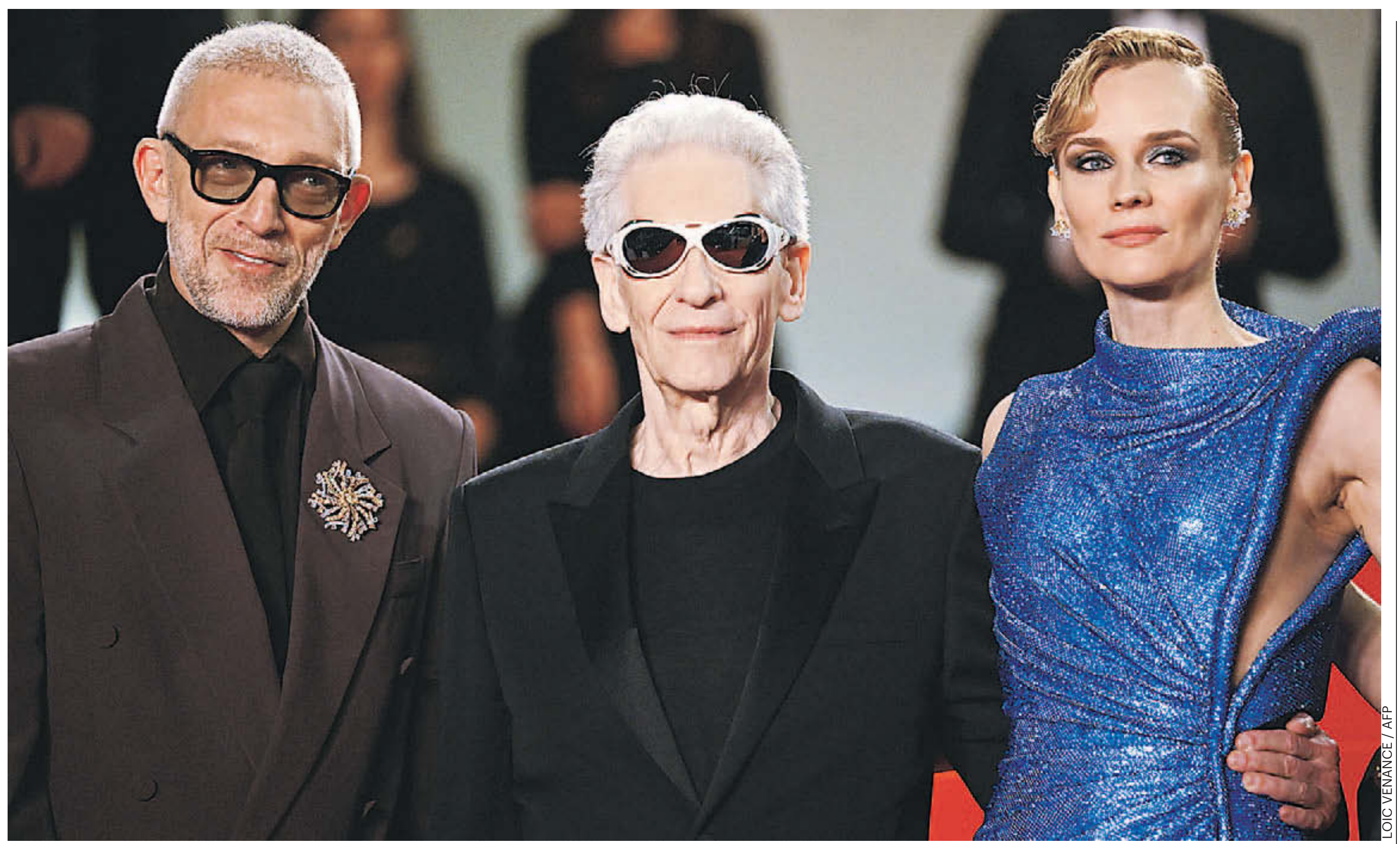


LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS



FILLE
Camille Laurens
Gallimard
256 páginas

Um exemplo que a Camille dá também é como ao longo dos tempos "*garce*", que eram simplesmente o feminino de "*garçon*" passou a ser pejorativo. Nunca tinha pensado nisso.
Julgo que a maioria das pessoas não sabe isso. Porque no século XVI, uma "*garce*" era uma rapariga. E como é que evoluiu? "*Garçon*" nunca foi um insulto, mas "*garce*" tornou-se um insulto, porque o feminino desvaloriza imediatamente. E há toda uma lista de palavras que, no masculino ou no feminino não têm de todo o mesmo significado. Por exemplo "*coureur*" é alguém que corre, "*coureuse*" é uma mulher fácil, que engata homens. Um "*maître*" é um mestre, uma "*maîtresse*" é uma amante.
Mesmo hoje em dia, as mulheres têm preocupações sociais que os homens não têm – se vamos à praia, o homem pega na toalha e vai, a mulher está preocupada com a depilação, se vai tirar uma foto, a mulher está preocupada com a maquilhagem. São imposições que ainda fazemos a nós próprias por pressão da sociedade?
É verdade, há sempre preocupações na cabeça das mulheres. E o que dizer da discriminação por causa da idade. Escrevi todo um livro sobre isso – *Celle que Vous Croyez*. Dizemos que os homens "amadurecem", as mulheres "envelhecem". Agora há uma corrente, da qual faço parte, de mulheres que decidiram assumir os seus cabelos brancos. Porque a um homem os cabelos brancos dão charme, com uma mulher de cabelos brancos vamos gozar. E devo dizer que, independentemente de qualquer questão política, não suporto tudo o que se diz da mulher do presidente Emmanuel Macron, por ser mais velha do que ele. Acho tudo aquilo de uma violência sexista. Não pode ser. Ao contrário, há inúmeros políticos que têm mulheres 30 anos mais novas do que eles e ninguém diz nada, toda a gente acha isso normal. É cansativo. Uma mulher depois dos 50 é vista como acabada, quase. Pelo menos em França é uma pressão violenta.
Mas acha que as coisas estão a começar a mudar? É verdade que olhamos para muitas atrizes de Hollywood com 50 ou 60 anos e continuam a parecer ter 30. Mas algumas começaram a aceitar os seus cabelos brancos. A ideia da beleza eterna, da estrela inalcançável acabou?
A imagem começa a mudar um pouco, sim. As atrizes envolvem-se, falam, têm um discurso mais feminista, muitas vezes. Tudo está a mudar, felizmente. Mas temos a carga mental do quotidiano que pesa sobre as mulheres – o que é que vou fazer para o jantar? É preciso ir buscar os miúdos, é preciso levá-los às atividades. É verdade que o pai está mais presente nas novas gerações. Ocupam-se mais de algumas tarefas. Mas continua muito desigual. Porque acho que muitos jovens pais se envolvem nas brincadeiras, nas férias. Mas o dia a dia continua com as mães – as refeições, as idas ao dentista. A vida material continua muito feminizada. Para além do trabalho.
Há uma imagem do pai um pouco mais lúdica do que a da mãe?
É isso. A mãe é quem diz "vem comer", "vai tomar banho", "vai dormir", o pai é o lazer, a liberdade, o riso. Há mais homens a participar na vida de família, mas continua limitado.
O poder, a política, continua a ser um mundo muito masculino. França nunca teve uma mulher presidente – teve duas que passaram à segunda volta: Ségolène Royal e Marine Le Pen – e só teve duas primeiras-ministras – Édith Cresson e Elizabeth Borne recentemente. A ideia que temos é que a política atrai menos as mulheres do que os homens – também aqui é uma perceção que a sociedade nos impõe?
Sim, é uma ideia totalmente plantada. É arcaico, mas está tão impregnado nos espíritos das pessoas que as mulheres são para estar no interior, no domínio do íntimo, da família, do cuidado. Fala-se muito do "*care*", do cuidado do outro, que são profissões muito femininas, como enfermeira. Enquanto os homens estão virados para o exterior, para o mundo, mudar o mundo. Estes são modelos que foram interiorizados pelas próprias mulheres. Não há nada no facto de ser, biologicamente, mulher, que a predisponha mais a isso. É verdade que é a mulher que carrega os filhos, que dá à luz, que dá a vida. Mas isso não a impede de tudo o resto. A sociedade é que ainda não está feita para as mulheres trabalharem na política – com as reuniões à noite, etc.. Porque nesses momentos teria de ser o homem a assumir as tarefas domésticas.
França tem inúmeros exemplos de mulheres que lutaram pelos seus direitos. Simone de Beauvoir, Simone Veil, Marie Curie, mas podemos recuar até Jeanne d'Arc, etc., etc. É importante transmitir o exemplo e a herança destas mulheres aos jovens?
Sim, e isso passa muito pela leitura. Há os textos de Simone de Beauvoir, de Gisèle Halimi. Há testemunhos de mulheres, houve grandes resistentes. Há inúmeras mulheres que se destacaram em várias áreas. É importante conhecer a História. Uma espécie de educação através das mulheres. Há tantos exemplos masculinos – aliás diz-se sempre "um grande homem" para dar a ideia de génio. Mais uma vez está na linguagem.
Quando fala com jovens leitoras, o que mais a surpreende nesta nova geração?
O que mais me surpreende? Acho que elas são tão mais livres do que a minha geração. São mais livres em tudo – nas suas escolhas de vida, na sua liberdade física, nos seus pensamentos. É maravilhoso. Falávamos há pouco de ir à praia e, no outro dia, estava a ler um artigo em que as raparigas diziam que já não faziam a depilação. Os homens têm pelos nas pernas, nós também. É assim. É uma coisa que eu, por exemplo, não me imagino a fazer. Mas acho genial essa liberdade – faço o que quero, visto o que quero. Mas aqui recai-se sempre no mesmo problema: por um lado queremos que a raparigas vistam o que querem e andem na rua como quiserem, por outro, como mãe, desaconselho isso. Digo: "Não vais sair assim, vais voltar tarde para casa. Não vais vir com esses calções no metro." Há limites que impomos a nós mesmos, mas por medo.
É esse medo que também fala. O medo das mulheres é muito diferente do medo dos homens?
Sem dúvida. Tenho muitos amigos que descobriram, ao ler o meu livro, que as mulheres têm medo. Eles saem, pegam na toalha, vão à praia, Ou saem de manhã e voltam tarde à noite, às 2.00 da madrugada. Não têm medo. Uma mulher se voltar a casa já de noite leva as chaves na mão – foi a minha mãe que me ensinou isto: se metermos uma chave entre cada dedo, com as pontas para fora, criamos uma espécie de soqueira para o caso de alguém nos atacar. Os homens ficaram espantados. Claro, se eles não tiverem perfil de agressores, nem lhes passa pela cabeça que seja tão banal. Nenhuma mulher se passeia sozinha pelas ruas durante a noite sem uma vaga apreensão. Pelo menos em Paris.
Veio a Lisboa também para amadrinhar o *Choix Goncourt du Portugal*. O que pensa desta iniciativa que vai na 2.ª edição?
Acho formidável – para a francofonia, para a literatura. E afinal os membros do júri do *Prémio Goncourt* não são jovens – é o mínimo que se pode dizer. Por isso, confiar a escolha a jovens estudantes [de oito universidades portuguesas], acho maravilhoso. Há uma renovação, traz entusiasmo, traz frescura. E eles levam isto a sério. É um novo olhar.
A Camille é membro da Academia Goncourt. Desde 1904 só 14 vencedores do *Prémio Goncourt* foram mulheres, é um atraso difícil de recuperar?
Muito difícil. Sobretudo porque, entre nós, muitos – e mesmo muitas – não querem ouvir falar em discriminação positiva. É compreensível. Quando gostamos de um livro não estamos a pensar se o autor foi favorecido só porque era mulher. Mas acredito que há um longo trabalho a fazer de recuperação psicológica. Este ano os finalistas são três homens e uma mulher [acabaria por vencer *Veiller Sur Elle* de Jean-Baptiste Andréa], é uma coincidência, não termos o género em conta. Eu seria a favor de o termos mais em conta. Na primeira lista de finalistas há 15 livros – há muitas mulheres a escrever. Além disso, há uma maioria de homens no júri, o que enviesa um pouco as coisas. Não gostam necessariamente dos mesmos livros, talvez se interessem menos pelos livros escritos por mulheres. Parece-me normal tentar reequilibrar um pouco as coisas



LOIC VENANCE / AFP

Vincent Cassel, David Cronenberg e Diane Kruger: à conquista de Cannes!

O cinema é um método perigoso

CRONENBERG *The Shrouds* é mais um grande acontecimento no panorama competitivo do *77.º Festival de Cannes*: o novo filme do canadiano David Cronenberg convoca-nos para uma viagem através das imagens, e da imaginação, do nosso mundo saturado de tecnologia.

TEXTO **JOÃO LOPES,** EM CANNES

Por estes dias, o crítico de cinema receia enfrentar a pergunta mais simples que o leitor, atento e interessado, lhe poderá colocar: afinal de contas, perante os novos filmes propostos pelo *Festival de Cannes*, qual o estado dessa "coisa" a que damos o nome de cinema? Apesar de tudo, perante a eufórica estranheza de *Megalopolis*, de Francis Ford Coppola, podíamos ainda refugiar-nos na celebração de uma ambiguidade sugestiva: o cineasta de *Apocalypse Now* volta a propor-nos um exercício obsessivamente experimental… Agora, descobrindo *The Shrouds*, de David Cronenberg, convenhamos que as coisas se complicam – será que esta é "apenas" a crónica da nossa relação com a morte?

Digamos que sim, quanto mais não seja tendo em conta uma justificação biográfica: sabemos que o realizador canadiano foi preparando este filme como uma homenagem a sua mulher, Carolyn Zeifman, falecida em 2017. Mais do que isso: Karsh, figura central de *The Shrouds*, é um homem de negócios que, depois da morte da mulher, inventa uma "alternativa" tecnologicamente sofisticada às formas tradicionais de luto. Chama-se GraveTech ("*grave*" de sepultura) e permite estabelecer uma relação com as imagens dos corpos em decomposição dos defuntos bem amados – através de um ecrã controlado por telemóvel –, defuntos devidamente embrulhados nos respetivos sudários ("*shrouds*").

Tudo isto tem como cenário principal o cemitério adquirido por Karsh, local paradoxalmente aprazível, para mais integrando um requintado restaurante. É certo que Vincent Cassel, intérprete de Karsh, apareceu em Cannes de cabelo muito curto e barba discreta, mas no filme a geometria do seu rosto e, em particular, a farta cabeleira branca transformam-no num gémeo incauto de … Cronenberg.

Memórias de Freud

Podemos tentar estabelecer uma pequena antologia dos "temas" que encontramos em *The Shrouds* e da sua presença regular na filmografia de Cronenberg. Lembramo-nos, por exemplo, do poder das imagens em *Videodrome* (1983). Ou das guerras entre o "real" e o "virtual" em *eXistenZ* (1999). Ou ainda dos corpos em transformação de *Crimes do Futuro* (2022). Ao mesmo tempo, semelhantes aproximações parecem não esgotar um assombramento que percorre todas as peripécias de *The Shrouds*, quanto mais não seja porque a memória da relação sexual de Karsh com a sua mulher Becca se "duplica" através de Terry, irmã de Becca – com as duas mulheres interpretadas por Diane Kruger, ecoando também os gémeos de *Irmãos Inseparáveis* (1988), ambos a cargo de Jeremy Irons.

> Karsh, figura central de *The Shrouds*, é um homem de negócios que, depois da morte da mulher, inventa uma "alternativa" tecnologicamente sofisticada às formas tradicionais de luto.

Enfim, *The Shrouds* está longe de ser uma mera coleção de citações pessoais. O que mais importa é a conjugação de duas linhas de força, tão transparentes quanto perturbantes. Assim, em primeiro lugar, a relação sexual (ou, se quisermos ser românticos, a entrega amorosa) é algo que Karsh descobre como uma vertigem sem fim, em boa verdade sem satisfação redentora ou definitiva, persistindo para lá da certeza indizível da morte; depois, a demanda que a sexualidade envolve nunca é estranha (pelo menos no cinema de Cronenberg, entenda-se) a uma convivência mais ou menos consciente, metodicamente perversa, com os mais diversos aparatos tecnológicos.

Ao contemplar o corpo de Becca em decomposição, Karsh observa, de facto, o enigma interior do seu próprio desejo. Eis um imbróglio, convém não esquecer, registado num dos filmes mais mal amados de Cronenberg: *Um Método Perigoso* (2011), sobre as origens da psicanálise e, mais especificamente, as relações entre Sigmund Freud e Carl Jung.

Sexo & tecnologia

Tudo isto poderá fazer pensar num pesado filme de "tese", com Cronenberg a fazer um inventário labiríntico da sua obra. É bem possível que essa ideia de inventário não tenha sido estranha ao próprio autor, argumentista e realizador. Mas seria inadequado tratar *The Shrouds* como um filme de citações, ainda menos de cenas "copiadas" do que quer que seja.

A palavra mais adequada para caracterizar a narrativa que nos envolve (como um sudário?) será outra: variações. Até mesmo no sentido musical, uma vez que Howard Shore volta a assinar uma admirável banda sonora para Cronenberg, a fazer lembrar as paisagens dilaceradas, mas infinitamente poéticas, da música de *Crash* (1996).

A intriga de *The Shrouds*, em particular através da personagem de Maury, o especialista do *software* do cemitério de Karsh, interpretado por Guy Pearce, vai-se enredando numa lógica de *thriller* que sugere uma conspiração internacional para o controlo da maquinaria da GraveTech. Se Cronenberg resiste a encerrar as várias linhas dramáticas do filme numa condensação racional, isso decorre do facto de *The Shrouds* ser também um filme sobre um tempo (tecnológico & sexual) em que o próprio conceito de humanidade está posto à prova através dos objetos que usamos e dos ecrãs que consumimos – ou em que somos consumidos.

O que, por fim, nos conduz ao parente mais próximo de *The Shrouds*. A saber: o primeiro, até agora único, romance de Cronenberg, justamente intitulado *Consumed* (ed. Scribner, Nova Iorque, 2014). Também aí corpos e máquinas cruzam-se e contaminam-se numa tragédia quotidiana que o cinema, perigosamente, nos devolve agora numa aliança de medo e deslumbramento.

Trump. Inventário da criação de uma besta humana

FESTIVAL De um lado um olhar feroz sobre Trump: *The Apprentice*, de Ali Abassi, do outro veneração por Lula da Silva em *Lula*, de Oliver Stone e Rob Wilson, torpedo contra a extrema-direita e a imprensa brasileira. Mas houve também ternura de Ron Howard pelo homem que nos deu *Os Marretas* e *Labirinto*.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM CANNES



The Apprentice **ou como filmar as entranhas da mediocridade.**

O jovem Trump a tornar-se um monstro pela mão do advogado Roy Cohn. É assim *The Apprentice*, de Ali Abassi, cineasta iraniano radicado na Escandinávia, um dos filmes mais aguardados desta competição, mas que ontem acabou por ser muito mal recebido pela imprensa internacional.

Ainda assim, há algo nesta obra que finta as coordenadas do mero *biopic*, sobretudo na forma como manda às urtigas as regras narrativas certas e os procedimentos dos *flashbacks*. Trata-se realmente de uma vertiginosa parábola sobre poder e falta de ética numa Nova Iorque a mudar dos Anos 1980 aos 90. Um olhar sem coração para acompanhar a ilusão e a transformação de um homem que se julgava o Robert Redford dos empresários.

Sebastian Stan, o ator do momento!

O Donald Trump do espantoso Sebastian Stan (o ator que venceu em Berlim Melhor Interpretação pelo magistral *A Different Man*) é-nos apresentado numa altura em que a empresa imobiliária do pai está em crise com dívidas acumuladas. Um Trump solteiro e a querer ser arrivista nos clubes privados de Nova Iorque, ele que é repescado pelo infame advogado Roy Cohn, famoso pela suas façanhas de corrupção. A partir desta aliança, Trump vai conseguindo o seu sonho de se tornar um magnata do investimento imobiliário, mesmo quando não se abstém de apunhalar pelas costas parceiros, família e amigos. Abassi acompanha ainda a forma como Donald compra o amor de Ivana, uma ambiciosa modelo checoslovaca.

Filmado em diversos formatos e em estilos antagónicos, *The Apprentice* é um daqueles filmes que sem grandes ebulições dramáticas ou emocionais vai-se entranhando. Só lentamente vamos vendo o despertar da pele do monstro. Um fedelho mimado que se torna um vigarista apaixonado pela sua imagem e poder. E é aí que o filme fascina por mostrar essa ideia de decadência moral, mesmo quando muitas vezes falha por não ter um golpe de coração.

Seja como for, é de Donald Trump que estamos a falar... O mesmo Trump que falava nas festas com Andy Warhol e depois viria a fazer dele próprio no segundo *Sozinho em Casa*. Mas o filme é toda uma conquista de Sebastian Stan.

Lula por Oliver Stone

Cannes também está a dar que falar com os documentários, em especial *Lula*, de Oliver Stone e Rob Wilson , uma crónica sobre o regresso de Lula ao poder do Brasil, sustentada em entrevistas com o atual presidente.

Trata-se sobretudo de um compêndio sobre Lula no *Caso Lava-Jato* e a revelação de como o *hacker* Walter Delgatti terá sido instrumental para anular a conspiração da máquina Bolsonaro. Os realizadores talvez insistam em recapitular em demasia todo o processo da prisão de Lula da Silva, mas o filme é feito sobretudo para ser didático e informativo para um público americano. Tal como eram os seus documentários sobre outros políticos da América Latina...

Na promoção aqui na Croisette, Stone estava muito sorridente e taxativo contra o "fascista" Sérgio Moro. Mas quanto a documentários, no *Cannes Classics* passou um objeto notável: *Jim Henson – Idea Man*, de Ron Howard, um tributo sincero e criativo sobre o cineasta e marionetista de *Os Marretas* e *Rua Sésamo*.

Na Sala Agnés Varda os aplausos foram sentidos para um olhar sobre vida e obra de um verdadeiro génio que mudou a cultura popular americana. Ron Howard não inventa no dispositivo de cabeças falantes, mas sabe jogar bem com imagens de arquivo e tocar naquilo que era de mais íntimo em Henson: o vício do trabalho e a forma como não conseguiu conciliar a arte e a vida amorosa. Um filme sem medo de estar do lado mais sentimental – chega dia 31 à Disney+.



Opinião
Carlos Rosa

Afinal o que é que distingue a realidade da verdade?

Sam Altman convidou Scarlett Johansson a emprestar a voz para a versão 4o do ChatGPT. Scarlett disse que não.

E eis senão quando, 9 meses depois, que até é por acaso o período de incubação, os amigos da atriz lhe dizem que o novo sistema da Open AI, denominado *Sky*, "soava como ela". Após uma quase batalha legal, Altman retirou a voz de Scarlett Johansson da aplicação.

Então… uma aplicação de Inteligência Artificial pode, ou não, usar a nossa voz? Não, não pode. Mas e se a usar? Essa voz, a nossa, a da Scarlett, a minha… é ou não é verdadeira? É ou não real?

Eu diria que é real. Porque a ouvimos. Mas não é verdadeira, porque quando a ouvimos, apesar de não ser a voz da Scarlett, ela existe, mas não é autêntica.

É neste mundo real, mas mentiroso, que teimamos desbravar.

Então o que distingue a verdade da realidade?

Não sabemos. Eu diria que, claramente, não sabemos mesmo.

Uma coisa real, pode não ser verdadeira, pois real quer dizer que existe. Seja verdadeiro ou não. Porque a mentira existe! Logo a mentira também é real.

E dizer que a Inteligência Artificial não é real, também não está certo. Porque ela existe. Existe num mundo de mentira. Existe num mundo de reproduções nascidas de imagens, sons e vídeos verdadeiros.

A verdade tem uma relação óbvia com a autenticidade. Logo a voz da Scarlett é real, mas é mentirosa. Não é autêntica. Não é dela. É uma cópia. Não é verdadeira.

A facilidade com que se consegue reproduzir texto, imagem ou som é um misto de espetacular com assustador. Ajuda, mas pode prejudicar. Resolve, mas pode comprometer.

Não quero entrar numa espiral de argumentos da luta do bem contra o mal no âmbito da Inteligência Artificial, mas na verdade, a moeda tem duas faces. E a moeda da Inteligência Artificial não é diferente.

Porque, hoje é a Scarlett numa aplicação, amanhã é um outro nome qualquer numa gravação que o coloca num cenário paralelo à realidade. Desculpem... que o coloca num cenário paralelo à verdade, porque se o vemos ou se o ouvimos, ele é real. Ele existe.

Mas lá por existir, isso não quer dizer que seja verdadeiro. Certo?

Designer *e diretor do IADE – Faculdade de* Design, *Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia*



O *IndieLisboa* está aí, com ciência, sonhos e Palestina

INDEPENDENTES Arranca amanhã a 21.ª edição do *Festival IndieLisboa*, recheado de muito e bom cinema português, toda a urgência dos filmes independentes e uma nova secção. O encerramento, no próximo dia 2 de junho, vem em forma de sonho (ou pesadelo) com Nicolas Cage.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

"A vida é só movimento", diz uma personagem de *Estamos no Ar*, longa-metragem de Diogo Costa Amarante, que é um dos primeiros filmes portugueses a ser exibido neste *IndieLisboa*. E talvez movimento seja a melhor palavra para entrar nas propostas de cinema – quais fontes de energia contemporânea – da 21.ª edição do festival que decorre, a partir de amanhã, entre as salas do Cinema São Jorge, Culturgest, Cinemateca Portuguesa, Cinema Ideal, Cinema Fernando Lopes, e até a piscina da Penha de França, onde têm lugar as sessões do *IndieFun*, uma das secções mais originais do programa, que se estreou no ano passado e basicamente põe os espectadores a boiar...

Mas voltando a *Estamos no Ar* (dia 24, às 21.30, São Jorge), esse OVNI ternurento de Costa Amarante é mesmo um dos olhares portugueses que vale a pena pôr na agenda. Um filme em que a cidade do Porto funciona como vigilante noturno de um círculo de desejo e ansiedade, a começar numa mulher chamada Fátima (Sandra Faleiro), cabeleireira, e a acabar na sua mãe viúva, Júlia (Valerie Braddell), passando pelo respetivo filho e neto, Vítor (Carloto Cotta), que ganha a vida como figurante em programas de televisão. É mais ou menos isto: Fátima sente uma enorme atração pelo vizinho polícia, a quem lava a roupa; Vítor, por sua vez, veste a farda do polícia às escondidas, como fetiche para impressionar o seu engate *online*; e a avó Júlia foge do lar, vivendo atormentada pelo fantasma do marido, e talvez desejando viajar para o planeta Júpiter.

Já vencedor de um Urso de Ouro (curtas de Berlim 2017), Diogo Costa Amarante fez agora uma balada urbana que injeta comédia enternecedora numa variedade de cenários tristonhos e/ou coloridos, de paragens de camionistas ao salão de beleza de Fátima, do estúdio de televisão ao lar da terceira idade. Um conto com antenas parabólicas, a captar insónias da alma.

Bem diferente de *O Melhor dos Mundos* (dia 30, São Jorge, 21.30), de Rita Nunes, outro dos títulos fortes da competição nacional, que torna uma hipótese científica num teste à reação humana. Estamos em Lisboa, 2027, quando um grupo de cientistas se depara com dados que apontam para a elevada probabilidade de um sismo com a dimensão do de 1755 vir a acontecer nas próximas horas – não é uma visão alarmista, mas uma forma inteligente e engenhosa de colocar a lente sobre as relações íntimas, o trabalho e a família, a partir do lugar da ciência no mundo contemporâneo. Num certo sentido, um filme pré-catástrofe.


***Estamos no Ar*, a comédia meiga de Diogo Costa Amarante.**


Nicolas Cage é o "homem dos nossos sonhos" em *Dream Scenario*.

> A estreia do *IndieLisboa* traz, amanhã (19.00, São Jorge), *I'm Not Everything I Want to Be*, de Klára Tasovská, centrado na fotógrafa Libuše Jarcovjáková, a "Nan Goldin da Chéquia".

Ainda nesta competição, destacam-se *Manga d'Terra*, primeiro musical de Basil da Cunha, realizador que continua a ser a mais eloquente "licença para entrar" no Bairro da Reboleira, desta vez centrando-se numa recém-chegada jovem cabo-verdiana que canta no meio das atribulações; e *Nocturno para Uma Floresta*, de Catarina Vasconcelos, curta-metragem inebriante em que as plantas têm consciência feminina. Isto sem esquecer os novos filmes de Margarida Gil (*Mãos no Fogo*), Jorge Jácome (*Shrooms*), Ico Costa (*O Ouro e o Mundo*), Margarida Cardoso (*Banzo*), Jorge Cramez (*Romagem*), Leonardo Moura Mateus (*Greice*) ou Frederico Lobo (*Quando a Terra Foge*), este último atualmente na Quinzena dos Cineastas de Cannes.

Secção *Rizoma*

Uma das características do *IndieLisboa* tem sido a capacidade de diversificar as suas secções. Depois do *IndieFun*, na piscina, este ano a secção em estreia chama-se *Rizoma* e, segundo se lê no comunicado, "oferece uma perspetiva crítica sobre o presente em torno do cinema como reflexão e debate". Uma excelente, e única, oportunidade para (re)descobrir no grande ecrã o maravilhoso último filme de Andrew Haigh, *All of Us Strangers*, com o título português *Desconhecidos*, que nos chegou através do *streaming* (Disney+), sem passar pelas salas de cinema. É um drama hipnotizante, com Andrew Scott e Paul Mescal a configurarem a solidão de Londres numa fantasia que ata uma reconciliação com o passado a um despertar sexual.

Nesta nova secção será possível também conhecer, entre outros títulos, *La Bête*, a proposta futurista de Bertrand Bonello, com Léa Seydoux, e *No Other Land*, filme de um coletivo palestiniano que aborda a destruição causada por Israel, observando a ligação entre um jornalista israelita e um ativista palestiniano.

De resto, o festival lisboeta terá ainda uma retrospetiva, em parceria com a Cinemateca, dedicada ao artista visual e cineasta palestiniano Kamal Aljafari, que vem a par, na questão política, com outra retrospetiva em torno do MFA, pelo cinquentenário do 25 de Abril. Data da liberdade que se espelha igualmente em documentários como *25 Canções de Abril*, de Luís Gaspar, e *Sur La Stre Nuro – Na Corda Bamba*, de Luís Fernandes, sobre os livres processos artísticos de quem pensa e explora a música experimental no nosso país.

A cerimónia de abertura do IndieLisboa traz, amanhã (19.00 horas, São Jorge), *I'm Not Everything I Want to Be*, de Klára Tasovská, centrado na fotógrafa Libuše Jarcovjáková, a "Nan Goldin da Checoslováquia", sendo no encerramento, dia 2 de junho (21.30, Culturgest), que se poderá ver Nicolas Cage em apuros. Com efeito, *Dream Scenario*, do norueguês Kristoffer Borgli, que receberá entre nós o título *O Homem dos Teus Sonhos* (estreia-se a 13 de junho), conta a história de um zé-ninguém, professor e pai de família, que começa inexplicavelmente a aparecer nos sonhos de desconhecidos, passando de figura impassível, nesses sonhos, a um autêntico Freddy Krueger – algo que ele não pode controlar, e que se torna um pesadelo da vida real para quem estava a gostar de ser, por uma vez na vida, objeto de atenção dos outros.

Borgli já tinha passado pela programação do *IndieLisboa* com o anterior *Farta de Mim Mesma*, que expõe o mesmo tipo de narrativa em escalada estranha, mas este *O Homem dos Teus Sonhos* consegue outro nível de comédia negra, com Nicolas Cage a oferecer à brincadeira a singularidade da sua expressão.



LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

Sónia Duarte

Pintura barroca em Portugal fez historiadora palmilhar mais de 300 concelhos

CICLO Até junho, a Academia das Ciências de Lisboa leva a debate *A Arte do Azulejo em Portugal*", num ciclo de conferências *online*, de acesso livre. A 22 de maio (18.00), Sónia Duarte, investigadora nas áreas da História da Arte e da Musicologia e docente na Universidade do Porto, apresenta o tema *Fontes e modelos para o estudo da imagem musical, sacra e profana, na pintura do azulejo em Portugal no século XVIII*.

ENTREVISTA **JORGE ANDRADE**

É autora da primeira base de dados de pintura barroca em Portugal com incidência na iconografia musical. Qual o alcance deste seu projeto?
Este projeto foi concretizado no âmbito do meu doutoramento em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trata-se do primeiro levantamento nacional de imagens de música pintadas e incidiu no tempo do Barroco. Na verdade, faço a ponte entre o Maneirismo e os alvores do Rococó. É um trabalho lógico que vem no seguimento das investigações que venho a desenvolver nos últimos anos e que visa o cruzamento da História da Pintura com a História da Música em Portugal. Retratos de músicos, cenas de dança, levantamento de instrumentos musicais e de notações, ambientes musicais, agrupamentos vocais e instrumentais estavam pintados e precisavam de outros modos de ver, de novos níveis de leitura. Agora, apresentou-se a primeira base de dados customizada e informatizada, a primeira de pintura com iconografia musical em Portugal. Dito de outra forma, cada pintura [a fonte primária] é analisada tendo por base a fonte secundária [gravura, desenho, outras pinturas] e associada a 27 campos de trabalho, como por exemplo, instituição, número de inventário, fortuna crítica, dimensões, autoria/escola, técnica, data, descrição.

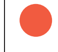
Trata-se de um projeto que a levou, ao longo de seis anos, a centenas de concelhos portugueses.
Sim. Palmilhei mais de 300 concelhos, vendo e fotografando pintura, muita dela, ainda, inédita. Permitiu-me também ter uma noção exata do estado de conservação das pinturas, do desaparecimento de outras, e até ver pintura anónima a que atribuí autoria. O projeto contou sempre com a orientação do professor Vítor Serrão, com a coorientação do professor Manuel Pedro Ferreira, com a Fundação para a Ciência e Tecnologia, com o Artis – Instituto de História da Arte, com centenas de guardadores de chaves e de memórias, de párocos, zeladores e zeladoras, de técnicos e assistentes dos museus. Lidei também com a inércia de alguns poucos funcionários de museus, e pude privar de perto com funcionários de museus ótimos que sabem fazer e compreendem que sem os investigadores em campo o estudo da História da Arte seria, ainda hoje, mais incipiente. O trabalho de campo permitiu-me resolver, em parte, um problema que continuava a existir: saber que iconografia musical há em Portugal. Tem-se escrito algumas coisas sobre o tema, mas continua a não haver um inventário: como se faz um estudo, sem um inventário? Apresento seis mil motivos em mais de mil pinturas do largo tempo do Barroco, resolvendo esse problema: Que pintura há? Onde está? Qual o estado de conservação? Que motivos musicais estão representados? São motivos reais ou simbólicos? Naturalmente que são, na sua esmagadora maioria, simbólicos, como explano nas quase três mil páginas de tese de doutoramento *Imagens de música na pintura do tempo do Barroco em Portugal (1600--1750)*.

Tão longo périplo motivou descobertas e revelações. Quer contar-nos alguns episódios?
A maioria do trabalho de campo foi feito com o meu filho Gonçalo, que nasceu por entre as folhas da tese e que com a *mamã* palmilhou e fotografou as pinturas. Num dos episódios, visitei a Igreja de Gondesende, Bragança, para fotografar uma gaita de foles. Fui muito bem recebida pela zeladora que havia estado a vindimar. Abre-me a porta e diz: "Olhe, nós andamos a procurar a gaita de foles e o adufe na sacristia, no coro-alto, mas não há sequer memória da existência de tal coisa. Mas pode ver." Entrei e olho imediatamente para a gaita de foles e o adufe, mesmo à minha frente. A zeladora, ficou confusa com o meu entusiasmo. Apontei e disse: "Está ali". Acrescentei rapidamente: "Esqueci-me foi de dizer que a gaita de foles estava pintada no tema da Natividade." Ela pegou no telefone e os locais que estavam a vindimar acorreram à igreja para ver o que, há vários anos estava diante deles, mas nunca haviam achado valor. Tenciono reescrever, um dia, as memórias de campo e as fotografias aos detalhes, à ruína a que fui assistindo de alguns cenóbios, algumas conversas. Tive uma zeladora, que visitei mais do que uma vez, no Alentejo, em Alvito, que me pediu se lhe mandava uma fotografia nossa. Nunca tinha visto o seu rosto numa fotografia.

Propôs pela primeira vez um ensaio de termos musicais para o Barroco em Portugal. Como se consubstanciou esse ensaio?
Olhei para todos os trabalhos transdisciplinares, para outros mais ou menos qualquer coisa, que se foram fazendo em Portugal, e apercebi-me que a lacuna nunca tinha sido resolvida. Sei bem que o professor David Cranmer havia submetido dois projectos, que não tiveram parecer positivo. Sabia que não havia um dicionário de termos musicais para este tempo em apreço. Comecei a colocar-me questões. Como se chama a alguém que dança no tempo do Barroco? Como se chama a alguém que dá ao fole? Como se chama um violoncelo em Portugal no largo tempo do Barroco? As respostas surgiram após meses na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de Portugal, no Arquivo da Irmandade de Santa Cecília, e comecei, assim, a compilar em definitivo e a colocar o termo lado a lado com as imagens de música que fotografei em Portugal.

Como contextualiza o azulejo nesta sua abordagem singular ao território?
O azulejo é uma manifestação artística de grande relevo, que exerce fascínios e que merece ser memoriada. Há dias, abordei os primórdios do azulejo em Portugal, numa das unidades curriculares que leciono na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Notei que os alunos querem saber mais sobre esta arte para além de Jorge Colaço [Estação de S. Bento] ou Júlio Resende [Ribeira Negra]. No terreno, creio, ter levado à abertura de uma janela azulejar para se revelar um alaudista pintado a fresco na parede testeira de uma igreja. Mas, mais importante que isso, pude fotografar dezenas de azulejos de norte a sul do país, incluindo ilhas. Conclui que a fonte secundária que serve de modelo e molde à pintura é a mesma que se usa pelos pintores de azulejo. Por vezes é copiada na íntegra, outras vezes citada.

Em particular, o que nos pode contar a propósito da intervenção que leva à conferência: *Fontes e modelos para o estudo da imagem musical, sacra e profana, na pintura do azulejo em Portugal no século XVIII*?
Irei responder, por imagens tiradas *in situ*, o que é a iconografia musical, qual a sua função, qual a metodologia de trabalho que uso para chegar à terminologia, à fonte primária ou à fonte secundária. Mostrarei em que ponto de situação estão os estudos das imagens de música em Portugal. Concretamente, mostrarei fontes gravadas de Jacob de Gheyn II [para o debuxo de Santa Cecília], da incidência de cópias de Jan Muller, H. Wierix, Bonnart I, Pieter de Jode I, entre tantos outros, que se repetem nos azulejos. Vou demorar-me em pintores como Pasquale Parente que copia modelos gravados de Johannes Sadeler, por sua vez citado nos azulejos de Alcanena (o azulejo subtrai sempre à fonte). Vou demorar-me, também, no refeitório de um cenóbio, mais propriamente numa alegoria onde Cupido atinge um alaudista que canta os seus amores e desamores. Deixarei comentários sobre azulejos que fotografei no país, entre eles, os de um cenóbio em Tábua que faz hoje parte da cripto-história da arte, sublinhando a importância do registo fotográfico e de medidas para a salvaguarda do património.



Próxima conferência dia 29

O ciclo de conferências *A Arte do Azulejo em Portugal* prossegue a 29 de maio (18.00 horas) subordinado aos temas *Onde a História da Arte e a História das Técnicas Artísticas se encontram: os Azulejos do Claustro do Convento de Jesus* e *A Botânica no Azulejo em Portugal*.

Acesso à conferência
Link: https://videoconf--colibri.zoom.us/j/94839946250
ID Reunião: 94839946250

avisos, tribunais e conservatórias



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE ASSUNTOS CONSTITUCIONAIS, DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d*), e 56.º, n.º 2, alínea *a*), da Constituição, do artigo 16.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), e do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República, avisam-se estas entidades de que se encontra para apreciação, de 22 de maio a 21 de junho de 2024, a iniciativa seguinte:

Projeto de Lei n.º 127/XVI/1.ª (PCP) — *Integração do suplemento de recuperação processual no vencimento dos funcionários judiciais (primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 485/99, de 10 de novembro).*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a: *1CACDLG@ar.parlamento.pt*; ou em carta, dirigida à *Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias*, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

O texto da citada iniciativa encontra-se publicado na Separata n.º 7/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 22 de maio de 2024, e pode ser consultado na «Página» *Internet* da Assembleia da República, na morada: **http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx**

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO

Agrupamento de Escolas Almeida Garrett – 170264

Contribuinte n.º 600 070 204
Tel.: 214 712 060
geral@avagarrett.net
Largo Rotary Club da Amadora
2610-298 Amadora

AVISO

CONCURSO PARA PROVIMENTO DO LUGAR DE DIRETOR

Torna-se público que se encontra aberto, nos termos da legislação em vigor, por publicação do Aviso n.º 10825/2024/2, de 21 de maio, *Diário da República* n.º 98, 2.ª Série, e publicitação na página eletrónica do Agrupamento **www.avagarrett.net**, o concurso para Diretor do Agrupamento de Escolas Almeida Garrett, em Alfragide, Amadora, pelo prazo de 10 dias úteis a partir do dia seguinte ao da publicação do aviso no *Diário da República*.

Alfragide, 21 de maio de 2024.

A Presidente do Conselho Geral
Teresa Maria das Neves Pena e Silva de Sousa Gil

diversos

Banco Finantia

Lista dos acionistas cujas participações excedem 2% do capital social do Banco Finantia, S.A., publicada de acordo com o disposto no artigo 110° do Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras, aprovado pelo Decreto-Lei n° 298/92, de 31 de dezembro.

Acionista	Participação
Finantipar, SA	39,58%
Arendelle, SA	16,54%
Natixis	11,25%
Erste Abwicklungsanstalt	10,39%
Surfolk SL	5,96%
Maria L M Antas Rio	5,21%

Lisboa, 20 de maio de 2024

Banco Finantia, S.A.
Rua General Firmino Miguel, 5 – 1600-100 Lisboa – PORTUGAL
Matrícula na Cons. do Reg. Com. de Lisboa e Pessoa Colectiva n.º 501.897.020
Capital Social: EUR 150.000.000













FOTOS: ARQUIVO / GLOBAL IMAGENS

Festas de Lisboa trazem arraiais, marchas, Mariza e Tony

PROGRAMA Até ao fim de junho, a capital vai estar em festa para celebrar o Santo António. Fado no Castelo de São Jorge, com Mariza, música clássica e *jazz* vão ouvir-se entre ritmos mais populares e o cheiro a sardinha assada dos arraiais. E haverá dois concertos de encerramento, ambos no Terreiro do Paço, um de Tony Carreira e outro de Richie Campbell.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Santo António é sinónimo de arraiais, sardinhas, marchas, casamentos e muita música. E, para fazer jus à tradição, as *Festas de Lisboa* deste ano têm tudo isso e muito mais, com um programa que se apresenta como multicultural e intergeracional, e que se estende até ao final de junho, com dois concertos no Terreiro do Paço: um de Tony Carreira e outro de Richie Campbell, ambos com muitos convidados. Mas até lá muito vai acontecer.

As marchas
Este ano o desfile das Marchas Populares na Avenida da Liberdade, a 12 de junho, inicia-se com uma Dança do Dragão, um momento especial protagonizado pela Associação Geral Desportiva de Macau Lo Leong, comemorativo do 25.º aniversário do Estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau.

Ainda antes da noite de Santo António, as Marchas apresentam-se pela primeira vez ao público e perante o júri nas exibições do pavilhão, na MEO Arena (dias 31 de maio, 1 e 2 de junho).

Os casamentos
A cerimónia, como habitualmente, terá lugar na véspera do Dia de Santo António, na Sé de Lisboa (que recebe 11 casais) e no Salão Nobre dos Paços do Concelho (para 5 casamentos civis). Os noivos desta edição têm idades entre os 24 e os 48 anos e são residentes de 10 freguesias da cidade.

Os arraiais
São 15 os arraiais populares inseridos no programa das *Festas de Lisboa* para desfrutar em oito freguesias da cidade, mas haverá festas populares ao longo de todo o mês um pouco por toda a cidade, da Graça à Bica, do Castelo a Benfica, de Alfama ao Areeiro. Da programação destaca-se ainda o *Arraial dos Navegantes*, entre 30 de maio e 2 de junho, no Parque das Nações, e o *Arraial da Vila Berta*, entre 1 e 12 de junho. A 22 de junho, no Terreiro do Paço, acontece o já tradicional *Arraial Pride*, uma festa de visibilidade e celebração das pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, trans e intersexo, das suas famílias e redes de apoio.

Os festivais multiculturais
Numa iniciativa que se pretende multicultural, há muitas outras festas que denotam essa diversidade de que faz Lisboa, como o *Festival Bollywood Holi* e *Mercado da Índia*, que vão acontecer na Comunidade Hindu de Portugal a 2 de junho; a *Festa da Cultura Coreana*, que leva espetáculos de dança e música tradicional, *K-pop* e uma demonstração de *taekwondo* ao Museu de Lisboa – Palácio Pimenta no dia 8; o *Thai Festival*, que durante três dias (entre 21 e 23 de junho) leva a cultura tailandesa até aos jardins de Belém; e a *Festa do Japão*, também em Belém, a 29 de junho, que celebra a cultura japonesa através de demonstrações de artes marciais, *Taiko* (tambores tradicionais japoneses), *cosplay*, música e gastronomia.

As outras festas
De muitas outras festas se fazem as *Festas de Lisboa*. Já a partir de sexta-feira e até 2 de junho acontece o *Festival de Telheiras*, com concertos, oficinas, teatro, dança, gastronomia, sustentabilidade e atividades para toda a família. Também já na próxima semana tem início o *CineConchas*, que leva o cinema ao ar livre, num total de nove sessões, até ao Jardim da Quinta das Conchas. No *Dia da Marinha do Tejo*, a 8 de junho, a festa faz-se no Cais das Colunas, onde se reunirão embarcações típicas do rio, os seus proprietários e arrais, vindos de vários pontos do estuário. Já entre 14 e 16 de junho, acontece o *VIII Encontro do Associativismo e Regionalismo da Cidade de Lisboa*, que promete três dias de música, gastronomia e artesanato na Alameda.

Os concertos
A música é outro dos pontos fortes destas *Festas*. Haverá dois espetáculos de encerramento, ambos no Terreiro do Paço: um a 29 de junho, protagonizado por Tony Carreira, que interpretará alguns dos seus maiores êxitos, ao lado de convidados especiais e acompanhado por uma orquestra de 16 cordas; e outro a 30 de junho com Richie Campbell, um espetáculo criado "para e por Lisboa" que reunirá em palco outros músicos convidados.

Entre 1 e 11 de junho, na iniciativa *Trezena de Santo António*, há fados e guitarradas (e também visitas) no Largo de Santo António da Sé. Depois, dia 20, Mariza será a protagonista de uma noite única de fado que acontece no Castelo de São Jorge, na qual irá apresentar temas do seu novo disco e êxitos da carreira.

Em termos musicais destaque ainda para o *Picadeiro Jazz*, que durante a primeira quinzena de junho leva ao Largo do Picadeiro, sete concertos de *jazz* fora de portas numa iniciativa do Teatro São Luiz, com programação de João Lopes Pereira. Noutro género, a 15 de junho, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, a orquestra Gulbenkian, sob direção do maestro Cesário Costa e com a colaboração da harpista Beatriz Cortesão, faz uma *Viagem Musical pela Europa*.

As exposições
Há ainda espaço para diversas exposições com destaque para a arte contemporânea: uma mostra concebida por Maria do Mar Fazenda para a Galeria Quadrum, com obras de vários artistas plásticos (patente até 8 de setembro), e outra que reúne as obras de arte adquiridas pela Câmara Municipal de Lisboa, em 2023, no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional (já a partir de amanhã).

Ainda durante este mês, no dia 26, o Museu de Lisboa – Palácio Pimenta inaugura a exposição *Lisboa em Revolução, 1383-1974*, inserida nas celebrações dos 50 anos do 25 de Abril. De cariz mais tradicional, entre 8 e 30 de junho poderá ver a exposição de rua dos *Tronos de Santo António*.

A corrida
A 2 de junho acontece a 12.ª edição da Corrida de Santo António. Com início e meta na Praça do Império, este ano há duas provas à escolha: a tradicional corrida de 10km e uma caminhada de 4km.



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE MAIO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

IMPUNIDADE DO CRIME

O que diziamos ha um ano

ɜz ontem um ano que morreu o con-
de Sabugosa. No dia seguinte enfi-
ɑvam-se no prestito, que acompanhou
;ua ultima morada o corpo desse
re fidalgo e, ao mesmo tempo, ar-
te e sincero liberal, milhares de pes-
;, desde as de maior destaque social
os mais humildes, para prestarem
erradeira homenagem a quem tanto
ngrandecera pelo caracter, pela bon-
e e pela inteligencia. Não havia ali
rosto que não estivesse humedecido
lagrimas, nem coração que não se
;isse oprimido por uma grande dôr.
) cemiterio terminára a funebre ce-
onia. Os assistentes retiravam-se, re-
lando já com amarga saudade as vir-
ɜs e excelsas qualidades do amigo
rido que acabavam de deixar na sua
ma morada. De repente surgiu um
ıem que se conservára oculto por
ı arvore. Veio de pistola na mão, por
ás do malogrado Couto Viana e pros-
ı-o cruelmente, como o poderia fazer
m animal feroz.

;se facto encheu de indignação todos
ɜspiritos. Dois dias depois o «Diario
Noticias» que é, ha quasi cinquenta
s, o mais fiel interprete da opinião
ional, traduzia o seu sentir num ar-
, a que deu o titulo: «Impunidade».
iamos reproduzir hoje esse artigo,
lhe alterar uma virgula, com tanta
)lta ali se verberava o infame aten-
) praticado no cemiterio dos Praze-
num lugar onde tudo devia inspirar
as de acalmação e paz, juntando-lhe
ıas a legitima indignação que senti-
ao vêr que a continuação da «impu-
ıde», contra que então protestava-
, gerou novos e hediondos crimes.

zia o articulista ilustre, que então
ıuzia a opinião deste jornal: «O cri-
de ante-ontem não é ainda uma
nça, mas o sintoma duma doença,
a que é preciso adoptar os remedios
ventivos convenientes para que a so-
lade não fique á mercê do primeiro
feitor em quem os instintos selva-
s dominam quaisquer insignificantes
os da humanidade. O que a repeti-
de factos desse genero demonstra é
na vida nacional ha alguma coisa
é urgente remediar e essa alguma
a é a impunidade do crime e até, em
as ocasiões, o aplauso desse mesmo
ıe. Todo o homem que mata outro não
erante os codigos e perante a conscien-
humana, senão um criminoso e como
ninoso um Estado que deseja viver
ıquilo e prospero, um Estado que
da civilização seu timbre, deve pu-
o, isolando-o, para que o exemplo do
ne venha sempre acompanhado do
mplo do castigo rigoroso.»

esse artigo acrescentava-se depois que
assassinios cometidos anteriormente
da morte de Couto Viana não po-
m ser atribuidos exclusivamente á
paganda de ideias desmoralizadoras
issolventes, mas tambem, e principal-
ıte, á ausencia de meios eficazes de
esa da sociedade, e mostrava-se que
raros que a policia conseguira pren-
, como autores desses crimes, já ti-
ım cadastro na policia como homi-
as.

porque é que faltam esses meios de
esa? Porque não se isolam os elemen-
reconhecidamente perigosos, nem
uer se sujeitam a uma rigorosa vi-
ıncia; porque á benignidade, á in-
gencia e á lentidão judiciarias se
ta a escassez de meios de averigua-
de que dispõem as autoridades.

or isso pediamos—já lá vai um ano
connosco o pedia tambem a opinião
ılica alarmada, que se fornecessem á
gistratura meios legais para essa
ão depuradora e rapida, que, ao mes-
tempo, prestigiasse a justiça e as
e pusesse os homens, tanto quanto
sivel, ao abrigo das feras. Não re-
navamos uma justiça feroz e san-
ıta, mas sim que ela não continuas-
ser tão benigna e suave que favore-
e, com a impunidade, a repetição
crimes. E lembrando ao governo e
Parlamento o dever de, corajosa e
damente, aplicarem á enfermidade o
licamento preciso, o nosso jornal
pletava, em 23 de maio de 1923, o seu
samento por estas palavras:

Jm crime impune é uma ameaça de
o crime, que se ergue na sombra.
tra quem? O país não deseja, o país
querer viver em comum com selva-
s que a impotencia dos meios so-
s deixa á solta.»

ıda se fez, infelizmente, de então
ı cá, que visasse a corrigir sequer
mal que já então se apresentava
caracteristicas alarmantes. Ao con-
io. Os atentados pessoais repetiram-
nais do que nunca. A policia raris-
ıs vezes conseguia prender os cri-
osos no acto do crime, ou encontrar
quer rasto ou indicio que a levasse
escobrir-lhe a identidade. E isto
ıa terra em que os partidarios da
ɔaganda pelo facto são conhecidos
a um, porque eles felizmente consti-
ı, por ora, uma reduzida falange.
quando, por mero acaso, algum se
ava apanhar, e os tribunais não lhe
obriam tantas atenuantes que tives-
, desde logo, de lhe conceder a liber-
e, lá estava o descuido dos guardas
cadeias a facilitar-lhe a fuga e a
cá-lo em condições de poder reeditar
ıovo as suas proezas.

assim o estado social de Lisboa, ape-
da grande maioria da sua população
formada por elementos de ordem,
rabalho e de disciplina, tem-se ido
ıvando de hora para hora, dum
o assustador. As ideias politicas pas-
m a ser para muitos a mascara com
encobrem os odios mais egoistas e
s vis. Os que têm um agravo, ver-
eiro ou falso, a vingar, um interesse
os licito a defender, uma inveja a
enenar-lhes o espirito, não recuam
meio algum de tornar odiosos ás
tidões os que lhe contrariam as
ıs e as conveniencias. Para isso nos
es, nos centros politicos e até na
rensa, os apontam como prejudiciais
ɔem do país, o flagelo das classes
ılares, e chega-se ao cumulo de se
gorr a sua eliminação pela morte.
am-se então as famosas campanhas
moralidade, cujas origens são bem
sparentes, e insiste-se nessas campa-
até que algum desvairado se en-
egue de executar a sentença por
lavrada.

mesmo tempo multiplicam-se os
nais de bombas explosivas e che-
se já ao cumulo do sr. Comissario
Policia de Segurança—um oficial que
ca conheceu o medo—ter de dizer
jornalistas, para eles o comunica-
aos seus leitores, que Lisboa assen-
ıoje em camadas de dinamite.

ıdo isto é tanto mais doloroso, quan-
é certo que estes processos de for-
a morte na sombra e de atacar á
ão estão em contraste com as qua-
des da nossa raça, em que predo-
am principalmente a bondade, o he-
mo e o espirito de aventura.

sboa é uma cidade onde, ainda ha
poucos anos, era dôce viver. Hoje
a aparencia duma jaula de feras,
que algumas centenas de desvaira-
a sobressaltam e apavoram a cada
nento, julgando que exercem um
ito, seguindo numa obra de destrui-
e de terror, sem cuidarem sequer de
r se os seus actos criminosos irão
ar mulheres indefesas e criancinhas
ɔas de toda a culpa.

sociedade, abalada dessa forma nos
alicerces, e ferida na sua dignida-
tem não só o direito mas o dever
e defender. Essa defesa é hoje uma
gação de honra, porque, repetimos
ıe nestas colunas se escrevia ha um
«O país não deseja, o país não que-
iver em comum com selvagens, que
npotencia dos meios sociais deixa
lta»

DUAS GLORIAS DA SCENA FRANCESA

André Brulé e Madeleine Lély

As companhias estrangeiras—Um repertório de criações

O NOVO TEATRO DE "LA MADELEINE"



Madeleine Lély e André Brulé numa das scenas de «Le Vertige»

Madeleine Lély e André Brulé, duas verdadeiras glorias do teatro francês, chegaram ontem a Li:boa, no «Sud-Express», vindo de Paris directamente. A «tournée» Brulé é a primeira que vem a Portugal sem passar por Espanha. Brulé nãovem fazer um negocio, vem fazer uma viagem, vem matar saudades das belas horas que Lisboa lhe fez viver em 1917.

E' preciso, desde já, colocar Brulé e Lély no seu lugar. Não ha muitas figuras na scena francesa que se possam pôr ao lado destes dois grandes artistas. André Brulé é o actor sobrio, elegante, ditador de elegancias, senhor dos belos gestos. Madeleine Lély é a actriz que põe distinção e nobreza nos sentimentos mais violentos, nas paixões mais ardentes.

Fomos á «gare» esperar os dois artistas, dar-lhes as boas vindas e ouvir-lhes as primeiras impressões.

André Brulé desembarca receoso e olhando para todos os lados... Em 1917 encontrou-se com a revolução dezembrista. Tem medo de se encontrar com outra revolução... Pelo caminho houve quem o prevenisse de que era possivel que uma revolução tivesse a gentileza de o vir esperar á «gare»... Madeleine Lély, em cujos olhos fundos e expressívos se aninham todas as suas criações, mostra-se fatigada. Acompanhamos os dois artistas ao hotel. A inevitavel entrevista principia:

— Vêm de Paris?

Brulé responde:

— Directamente. Renunciámos á viagem a Espanha. Estamos dez dias em Portugal e voltamos para Paris... Temos lá muito que fazer. Inauguramos, brevemente, o Théatre de La Madeleine que ficará sendo uma das mais lindas «boites» de Paris...

— Qual a peça de estreia?

— Uma peça de Bataille que ainda não foi representada: «Manon, fille galante»,.. A seguir levaremos «Sangre e arena», extraida por Charles Meré do celebre romance de Blasco Ibañez.

—Dê-nos algumas informações sobre as peças que vai representar em Portugal...

—Todas as peças que trago no repertorio foram criadas por mim e por Madelene Lély. E é essa a melhor garantia que damos ao publico. A razão principal do fracasso das «tournées» estrangeiras está na improvisação dos seus repertorios e dos seus elencos. Para certos artistas tudo quanto não seja Paris é provincia... Enganam-se sempre. Não ha terra onde não haja uma «élite» que sabe julgar e sabe distinguir... Duas interpretações são duas peças diferentes. Estive agora em Liége onde representei, entre outras peças, «Le Coeur de Moineau», peça que tem sido interpretada naquela cidade, pos varios actores. Pois bem. A critica foi unanime em afirmar que o meu trabalho fazia da velha peça uma peça diferente, desconhecida...

—Os artistas da sua companhia são os artistas que trabalham consigo habitualmente?

—Quasi todos. Alguns deles valem muito mais do que as primeiras figuras de certas «tournées».

«O mal é esse. Ha artistas que têm o seu nome feito em Paris e que têm o seu lugar neste ou naquele teatro de «quartie...» São artistas, porém, para um certo publico. Quando passam a fronteira ficam diminuidos.

Madeleine Lély, que, de quando em quando, completa admiravelmente o pensamento de André Brulé, comenta ainda:

— Ao estrangeiro só deviam ir os grandes artistas, os artistas que não cabem nas scenas reduzidas das mil e uma «boites» de Paris...

Perguntamos ainda a André Brulé:

—Que impressão tem do publico português quando aqui esteve em 1917?

— Deixou-me uma profunda impressão. E' uma das plateias mais cultas que tenho encontrado. Não imagina como fiquei contrariado com a publicação duma falsa entrevista comigo, onde se fazia referencia á minha viagem a Espanha e onde não havia uma palavra para Portugal. Essa entrevista foi feita com recortes de jornais espanhois e com o meu desconhecimento. A minha grande simpatia pelo seu país, prova-se com esta viagem. Desprezei todas as propostas, que me vieram de Espanha, e saí de Paris pára vir a Lisboa matar saudades dèste inteligente publico e dar um abraço no meu amigo Ricardo Jorge. Os seus leitores talvez não acreditem... Esta «tournée», por muito feliz que seja, não me dá margem para lucros...

— Viu representar alguns artistas portugueses?

—Vi representar o grande Augusto Rosa e vi representar essa actriz extraordinaria que é Angela Pinto. Em que teatro está ela?

— Angela é hoje uma grande saudade do Teatro português. Uma doença cruel não lhe permite voltar á scena.

—Vi tambem representar uma actriz cheia de mocidade e de talento que tinha vindo da sociedade para o teatro; tinha-se casado nessa altura com um seu companheiro...

—Quere referir-se a Amelia Rey, Colaço...

—Tem razão. Lembro-me agora do nome. Essa actriz está representando em Lisboa?

—No teatro Politeama. Amelia Rey, Colaço é uma triunfadora.

A entrevista está no fim. Madeleine Lély, precisa de repousar e esta entrevista precisa de ser escrita.

André Brulé, á despedida, diz-nos ainda:

—Gostamos de representar em Portugal. Todo o artista estrangeiro que trabalha actualmente em Lisboa tem que defrontar-se com uma plateia severa e justa. Mas se alcança a vitoria alcança a gloria... E' tentador. O publico, esta noite, nos julgará. Temos confiança nele e em nós...



EUROMILHÕES SORTEIO: 041/2024
CHAVE: 11-13-14-34-48 + 7-9
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Von der Leyen, extrema-direita e Ucrânia aqueceram debate

EUROPEIAS Debate na RTP ficou marcado por várias picardias entre Marta Temido e Sebastião Bugalho. Tânger Corrêa recusou a ideia de o Chega ser de extrema-direita.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

O quinto debate das Eleições Europeias começou ontem na RTP com os candidatos a reagirem à sondagem da estação pública, um empate técnico entre Aliança Democrática (31%) e Partido Socialista (30%). E teve o primeiro ponto alto com uma troca de argumentos entre Marta Temido e Sebastião Bugalho, quando a candidata do PS acusou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, de fazer parcerias com forças de extrema-direita.

"Não sabe em que lado vai ficar", atirou Marta Temido. Sebastião Bugalho, cabeça da lista da AD, passou ao ataque: "Não pode dizer isso, é injusto que diga que Von Der Leyen está mais perto daqueles que estão do lado de Putin do que os que estão contra." Tânger Correia, do Chega, aproveitou para esclarecer que "caracterizar o Chega como extrema-direita é extremamente incorreto". "É um partido conservador que não é a favor de Putin. Somos a favor da Ucrânia", observou.

Já o candidato da CDU, João Oliveira, argumentou que "há uma sã convivência da UE com a extrema-direita", referindo os casos de Itália e Hungria. "O único combate que é extremamente eficaz contra a extrema-direita é o aprofundamento da democracia", considerou o cabeça de lista comunista, defendendo ser preciso inverter as políticas europeias que são feitas no âmbito do combate à extrema-direita.

Os candidatos mostraram ainda discordância relativamente à guerra na Ucrânia e ao envio de tropas para o terreno, como defendeu Gouveia e Melo numa entrevista concedida ao DN. "Nós acreditamos que admitir a ideia de tropas para o terreno, é admitir a escalada do conflito ao nível mundial", defendeu Marta Temido. Para Bugalho, as "afirmações sobre o futuro de jovens portugueses devem ser feitas pelo Governo português". Já Tânger Corrêa referiu que "a declaração de Gouveia e Melo é mais uma declaração de intenções do que a ação de mandar homens para onde quer que seja", até porque, defendeu "não temos homens para enviar para lado nenhum". Para João Oliveira, as palavras do Chefe do Estado-Maior da Armada "são preocupantes": "Enviar armas para a Ucrânia significa continuar a fazer dos ucranianos arma para canhão". Uma afirmação que levou Bugalho a dizer que "a paz que a CDU quer é a vitória da Rússia".

"Não abdicamos de fazer parte da discussão do alargamento da UE", defendeu Sebastião Bugalho, quando questionado sobre as comissões europeias, ele que pegou várias vezes com Marta Temido. A candidata do PS destacou as áreas da habitação e dos jovens como uma prioridade dos socialistas na Europa, João Oliveira, condenou as posições da AD, que acusou de votar ao lado do PS, no que se refere, por exemplo, a salários mínimos. E Tânger Corrêa assinalou a "luta anticorrupção, a imigração e a agricultura e as pescas" como prioridades do Chega.

Ativista marroquina recebe *Prémio Norte-Sul*

A ativista marroquina Amina Bouayach e a rede de universidades Global Campus of Human Rights receberam ontem o *Prémio Norte-Sul 2023*, do Conselho da Europa. "O grande desafio para os países do Sul tem a ver com a efetividade dos direitos do cidadão", afirmou Amina Bouayach, no discurso feito na entrega do prémio, que decorreu na Assembleia da República.


TIAGO PETINGA / LUSA

BREVES

Plano para o SNS já foi entregue à ministra

Ainda antes do prazo estipulado, o diretor-executivo demissionário do Serviço Nacional de Saúde (SNS), Fernando Araújo, entregou ontem o plano de atividades pedido pela ministra, Ana Paula Martins, avançou a SIC Notícias. A titular da pasta tinha definido um prazo máximo de dois meses (ou 60 dias) até o documento – que faz um balanço de ano e meio de atividade – estar concluído. Quando apresentou a demissão, no passado dia 23 de abril, Fernando Araújo afirmou que a sua saída teria efeitos a partir do dia a seguir à entrega deste relatório. Entretanto, Ana Paula Martins revelou ontem já existir um plano de contingência para a saúde nos meses de verão. No entanto, não revelou qualquer detalhe do documento. Falando no Algarve, onde esteve para avaliar a forma como a região vai enfrentar a falta de médicos durante o verão, Ana Paula Martins disse ter "a convicção absoluta de que há um plano". E quando assim é, "o seu cumprimento é aquilo que se exige". O plano de contingência, disse a ministra, vai procurar "responder com meios" que já se conseguem acionar "e com mais alguns" que o Governo vai procurar "acionar durante as próximas semanas".

Sem-abrigo. Marcelo recebe Moedas para a semana

O Presidente da República vai receber na próxima semana, em Belém, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, para debater a resposta ao problema dos sem-abrigo, numa audiência que contará com a participação do Governo. "Irei obviamente receber o senhor presidente da Câmara Municipal de Lisboa na próxima semana para, na presença do Governo, como é natural, ir acompanhando um tema que segui muito proximamente, que é o que o novo Governo tenciona fazer neste domínio", anunciou Marcelo, à margem das comemorações do 30.º aniversário do Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, em Lisboa. "Vamos ver o que é que se vai fazer, como, com que meios e com que tempo, porque é uma corrida contra o tempo", alertou. O PR revelou ainda que Moedas foi recebido ontem em audiência pelo primeiro-ministro, e que o autarca adiantou que vai reunir-se na sexta-feira com os ministros da Presidência e da Segurança Social para encontrarem uma solução conjunta para o problema das pessoas em situação de sem-abrigo. "Isso significa que provavelmente daqui até à semana que vem já haja uma ideia de qual é a posição do Governo, em geral, sobre a estratégia para os sem-abrigo, e em particular o que fazer nos casos mais graves. Lisboa é um caso grave, o Porto é a seguir e há outros que também são ligeiramente pesados", afirmou.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



